

[illegible]

[illegible][illegible]

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA - CAMPUS VILHENA

AMBIENTES ACADÊMICOS AFETIVOS: ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE USUÁRIOS E ESPAÇO NO IFRO – CAMPUS VILHENA

SARAH GABRIELLY MARTINS DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso entregue ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Vilhena, para obtenção do título de Arquiteta e Urbanista. Orientadora: Profa. Dra. Louise Maria Martins Cerqueira

VILHENA
2026/1

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA - CAMPUS VILHENA

AMBIENTES ACADÊMICOS AFETIVOS: ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE USUÁRIOS E ESPAÇO NO IFRO – CAMPUS VILHENA

SARAH GABRIELLY MARTINS DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso entregue ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Vilhena, para obtenção do título de Arquiteta e Urbanista. Orientadora: Profa. Dra. Louise Maria Martins Cerqueira

VILHENA
2026/1

[illegible]

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Souza, Sarah Gabrielly Martins de.
Ambientes acadêmicos afetivos: análise da relação entre usuários e espaço no IFRO – Campus Vilhena / Sarah Gabrielly Martins de Souza. - Vilhena, 2026.
56 f. : il.

Orientador(a): Profª. Dra. Louise Maria Martins Cerqueira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Vilhena, 2026.

1. Arquitetura afetiva. 2. Ambientes educacionais. 3. Percepção ambiental. 4. Permanência. 5. Requalificação arquitetônica. I. Cerqueira, Louise Maria Martins (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Hosiene Maria do Couto Marques, CRB-11/321

SARAH GABRIELLY MARTINS DE SOUZA

AMBIENTES ACADÊMICOS AFETIVOS: ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE
USUÁRIOS E ESPAÇO NO IFRO – *CAMPUS VILHENA*

Trabalho de Conclusão de Curso
entregue ao Instituto Federal de
Educação Ciência e Tecnologia de
Rondônia – *Campus Vilhena*, para
obtenção do título de Arquiteta e
Urbanista. Orientadora: Profa. Dra.
Louise Maria Martins Cerqueira

Aprovado em: 18/06/2026 pela banca examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Sarah Gabrielly Martins de Souza**, Discente, em 25/06/2026, às 18:17, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Louise Maria Martins Cerqueira**, Orientador, em 07/07/2026, às 18:02, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Bruna Emanuely Piovesan Nunes**, Examinador Interno, em 30/06/2026, às 11:19, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **William Minusculi Degenhart**, Examinador Externo, em 22/07/2026, às 12:21, conforme horário oficial de Rondônia, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Resumo

Esta pesquisa investiga como os usuários se relacionam com os espaços coletivos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia — *Campus Vilhena*, a partir dos princípios da arquitetura afetiva, da percepção ambiental e da humanização dos ambientes educacionais. O ponto de partida é a compreensão de que os espaços acadêmicos vão além de sua funcionalidade: eles também precisam favorecer a permanência, a convivência, a apropriação, o conforto e o sentimento de pertencimento de quem os ocupa. A metodologia adotada é qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, combinando revisão bibliográfica, análise documental, visitas de campo, registros fotográficos, croquis, observações sistemáticas e coleta participativa por meio de banners interativos. A investigação se concentrou em quatro espaços do campus Bloco A, Centro de Convivência, Pátio Central e Área Verde, considerando aspectos físicos, espaciais, ambientais, funcionais, sociais e emocionais. Os resultados mostraram que, apesar de o campus atender às demandas básicas de circulação e funcionamento institucional, muitos ambientes apresentam problemas de calor, ventilação deficiente, ruído, falta de mobiliário adequado, pouco sombreamento e escassez de lugares qualificados para descanso e convivência. Os próprios usuários relataram experiências de cansaço, estresse, desconforto e ansiedade, mas também apontaram formas criativas de apropriação simbólica e possibilidades reais de transformação dos espaços. Com base nessas análises, foram elaboradas diretrizes projetuais para a requalificação dos ambientes coletivos, priorizando intervenções sensíveis e de baixo impacto, ligadas ao conforto, à permanência, à acessibilidade, ao mobiliário e à valorização das áreas de convivência. A conclusão é que a arquitetura afetiva tem muito a oferecer ao repensar os espaços educacionais como lugares mais acolhedores, humanos e conectados ao cotidiano de quem os vive.

Palavras-chave: arquitetura afetiva; ambientes educacionais; percepção ambiental; permanência; requalificação arquitetônica.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
3. METODOLOGIA	13
3.1 Caracterização da Pesquisa	15
3.2 Fundamentação e Etapas Metodológicas	15
3.3 Levantamento Empírico	16
3.4 Coleta Participativa de Dados	17
3.5 Sistematização e Categorização das Informações	18
3.6 Procedimentos de Análise	18
3.7 Desenvolvimento das Diretrizes Projetuais	19
3.8 Produção de Croquis e Estudos Projetuais	19
3.9 Representação Visual das Propostas	19
4. ANÁLISES REFERENCIAIS	20
4.1 Estudo de Caso: SESC Pompeia – Lina Bo Bardi	21
4.2 Estudo de Caso: IFRO – Campus Vilhena	22
5. IFRO: ANÁLISE TÉCNICA	23
5.1 Caracterização Física e Espacial	24
5.2 Permanência e Apropriação dos Espaços	25
5.3 Diagnóstico Afetivo e Sensorial do Espaço Educacional	26
5.4 Síntese Analítica e Perspectivas do Estudo	27

6. ANÁLISE DOS DADOS	28
6.1 Categorização Geral das Respostas	29
6.2 Frequência das Categorias	29
6.3 Necessidades Recorrentes dos Usuários	30
6.4 Análise Quantitativa das Categorias por Espaço	30
6.5 Análise Qualitativa por Espaço	31
6.6 Categorização dos Sentimentos	36
6.7 Síntese por Espaço: Sentimentos, Problemas e Desejos.....	36
6.8 Sugestões de Mobiliário	37
6.9 Conclusões da Análise	37
7. DIRETRIZES	38
7.1 Bloco A	40
7.2 Pátio Central	42
7.3 Centro de Convivência	44
7.4 Áreas Verdes	46
8. CONCLUSÃO	48
9. REFERÊNCIAS	50
10. ANEXOS	51

A vertical word cloud featuring various phrases such as "QUÊ FREEST +mela", "SONO THE", "POCA VIS", "BRAGA! am", "FIREST", "NÃO", "QUE FREST", "+mela", "ANTIGAS ESTO", "Poca vis", "sonothe", "frest", "nãõ", "que freest", "+mela", "antigas esto".

INTRODUÇÃO

No cotidiano do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) – *Campus Vilhena*, é comum observar estudantes ocupando corredores, escadas, muretas e até o chão durante os intervalos entre as aulas. Em diferentes horários do dia, principalmente nos períodos mais quentes da tarde, muitos espaços tornam-se locais de passagem rápida, espera ou permanência improvisada.

Apesar de o campus apresentar áreas amplas e circulação eficiente entre os blocos, poucos ambientes oferecem condições adequadas de descanso, convivência ou permanência prolongada. A ausência de mobiliário apropriado, a escassez de áreas sombreadas e determinadas condições de conforto ambiental fazem com que a experiência cotidiana dos usuários seja marcada mais pela necessidade do que pelo desejo de permanecer no espaço.

Essa percepção torna-se evidente especialmente no pátio central e no centro de convivência, setores que concentram grande fluxo de estudantes ao longo do dia. O pátio central funciona como articulador da circulação do campus, sendo utilizado para encontros, espera entre aulas e eventos esporádicos. Entretanto, sua escala ampla, o pé-direito elevado e a pouca presença de estruturas de apoio fazem com que o espaço seja percebido como cansativo e pouco acolhedor em determinados períodos.

Durante chuvas e ventos fortes, por exemplo, o ambiente torna-se desconfortável mesmo sendo parcialmente coberto. Já o centro de convivência, embora seja um dos espaços mais utilizados pelos estudantes, ainda apresenta características marcadas pelo improvisado. Mesas instáveis, ventilação insuficiente, iluminação artificial excessivamente forte no período noturno e limitações relacionadas ao conforto tornam o espaço funcional, mas ainda distante de oferecer uma experiência realmente acolhedora.

Ao mesmo tempo, algumas áreas verdes do campus revelam uma situação oposta. Mesmo pouco estruturadas, são frequentemente associadas à sensação de tranquilidade e conforto devido à presença de vegetação, sombra e ventilação natural. Esses espaços demonstram que, muitas vezes, pequenas condições ambientais são suficientes para alterar significativamente a percepção dos usuários sobre o ambiente construído. Ainda assim, a ausência de mobiliário adequado, equipamentos de permanência e opções de lazer limita seu uso cotidiano e reduz seu potencial de convivência.

A partir dessas observações, torna-se possível compreender que o problema central do campus não está apenas na ausência de infraestrutura física, mas na dificuldade de transformar espaços institucionais em ambientes capazes de estimular permanência, identificação e pertencimento. Embora o IFRO cumpra adequadamente suas funções operacionais e educacionais, muitos de seus espaços permanecem marcados por uma sensação de neutralidade e impermanência. Em vez de favorecer apropriação espontânea e convivência cotidiana, diversos ambientes acabam funcionando predominantemente como locais de circulação e transição.

Historicamente, grande parte das instituições públicas brasileiras foi concebida a partir de modelos arquitetônicos padronizados, orientados pela racionalização construtiva e pela eficiência funcional. Embora esses modelos tenham sido fundamentais para a expansão do acesso à educação pública, também contribuíram para a reprodução de ambientes homogêneos, frequentemente pouco sensíveis às especificidades climáticas, culturais e sociais de seus usuários. Em muitos casos, áreas coletivas passaram a ser tratadas apenas como espaços complementares às atividades pedagógicas, sem planejamento voltado ao conforto ambiental, à convivência cotidiana ou à construção de vínculos mais duradouros com o ambiente.

No contexto da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, essa lógica torna-se perceptível em diferentes campi implantados a partir de modelos arquitetônicos semelhantes. No IFRO – *Campus* Vilhena, implantado inicialmente para atender demandas operacionais e posteriormente ampliado com a criação de novos cursos, essa configuração produziu espaços funcionalmente eficientes, porém limitados em relação à diversidade de usos, à permanência e à experiência cotidiana dos usuários. A coexistência entre estudantes do ensino médio integrado, graduação, docentes e servidores intensifica ainda mais a complexidade desses espaços, uma vez que diferentes grupos utilizam o campus em horários, ritmos e necessidades distintas.

Essa condição torna-se ainda mais perceptível no período noturno, quando a dinâmica espacial do campus se transforma significativamente. Com a saída dos estudantes do ensino médio e a permanência dos cursos de graduação, especialmente Arquitetura e Urbanismo, o ambiente assume outra atmosfera: corredores tornam-se mais silenciosos, o centro de convivência concentra grupos de estudo e descanso, e determinados espaços passam a evidenciar ainda mais suas limitações relacionadas ao conforto e à permanência prolongada. Essa mudança de uso ao longo do dia demonstra que a experiência espacial no campus não é fixa, mas continuamente alterada pelas práticas cotidianas dos próprios usuários.

Nas últimas décadas, discussões relacionadas à arquitetura afetiva, à experiência sensorial e à humanização dos ambientes educacionais passaram a questionar modelos excessivamente técnicos e funcionais. Essa abordagem compreende o espaço construído não apenas como suporte físico das atividades humanas, mas como elemento capaz de influenciar sensações, comportamentos e relações cotidianas. Autores como Juhani Pallasmaa (2011) defendem que a arquitetura é percebida de forma multissensorial, envolvendo corpo, memória e experiência. Gaston Bachelard (1993), por sua vez, compreende o espaço habitado como lugar de construção simbólica e afetiva, enquanto Herman Hertzberger (2008) discute a importância de ambientes capazes de estimular a convivência, apropriação e liberdade de uso. Essa perspectiva tem sido reforçada por pesquisas recentes no campo da Psicologia Ambiental e da arquitetura escolar.

Estudos recentes no campo da Psicologia Ambiental e da arquitetura escolar reforçam a influência do ambiente construído sobre aspectos relacionados ao bem-estar, à atenção e às relações sociais nos espaços educacionais. Vergara e Tieppo (2026), ao investigarem a percepção de estudantes acerca da experiência escolar, identificaram que atributos como iluminação natural, ventilação, organização espacial, conforto ambiental e adequação do mobiliário estão diretamente associados à sensação de acolhimento, conforto e melhora da concentração. As autoras destacam ainda a importância dos espaços de convivência para a construção de vínculos, socialização e sentimento de pertencimento, compreendendo o ambiente escolar como parte ativa da experiência educacional e não apenas como suporte funcional das atividades pedagógicas.

No contexto dos ambientes educacionais, esses debates tornam-se particularmente relevantes. Escolas e universidades não são compostas apenas por salas de aula e espaços destinados ao ensino formal. São também locais de convivência, troca de experiências, descanso, espera, conflitos e formação coletiva. A forma como esses espaços são organizados influencia diretamente a maneira como os usuários permanecem, interagem e constroem relações com o ambiente acadêmico. Quando o espaço não oferece suporte adequado para essas vivências, a experiência universitária tende a tornar-se mais desgastante, impessoal e limitada ao cumprimento das atividades obrigatórias.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, essa relação entre espaço e experiência mostrou-se constantemente presente nas observações de campo e nos relatos dos usuários. Inicialmente, as análises concentravam-se em questões predominantemente físicas, como calor excessivo, ventilação insuficiente, iluminação inadequada e ausência de mobiliário apropriado. Entretanto, ao longo da investigação, tornou-se evidente que esses fatores ultrapassaram o campo técnico e influenciavam diretamente aspectos emocionais e psicológicos relacionados ao cotidiano acadêmico. Os registros espontâneos realizados nas intervenções evidenciaram recorrências relacionadas ao desconforto, à pressão cotidiana e à insatisfação com determinados espaços do campus, indicando que as condições ambientais e espaciais influenciam diretamente a experiência dos usuários.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, essa relação entre espaço e experiência mostrou-se constantemente presente nas observações de campo e nos relatos dos usuários.

[illegible][illegible][illegible][illegible]

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Os ambientes construídos ultrapassam a dimensão puramente funcional da arquitetura. A forma como os espaços são organizados influencia diretamente a maneira como os indivíduos percebem, utilizam e permanecem nos ambientes ao longo do cotidiano. Aspectos como iluminação, ventilação, escala, materialidade e possibilidades de permanência interferem continuamente na experiência espacial, especialmente em instituições de ensino, onde estudantes e servidores permanecem longos períodos do dia. No contexto do IFRO – Campus Vilhena, essa dimensão torna-se particularmente relevante: concebido a partir de uma lógica predominantemente funcional, o campus enfrenta desafios relacionados à qualidade dos espaços coletivos e à capacidade de seus ambientes de favorecer permanência, convivência e identificação por parte de seus usuários.

A relação entre indivíduo e ambiente não ocorre exclusivamente pela visão, mas envolve diferentes estímulos sensoriais relacionados ao corpo e à vivência dos lugares. Temperatura, sons, texturas, iluminação e proporções espaciais influenciam continuamente a forma como os ambientes são experimentados e interpretados pelos usuários. Para Pallasmaa (2011, p. 42), "a arquitetura é a arte da mediação entre o mundo e o eu, entre o corpo e o espaço". Essa perspectiva coloca em questão ambientes que, como os do Campus Vilhena, foram concebidos prioritariamente sob uma lógica funcional, sem considerar as experiências sensoriais e corporais de seus usuários. Compreendida dessa forma, a arquitetura ultrapassa a composição formal ou a solução técnica e passa a atuar como experiência capaz de influenciar percepções, comportamentos e formas de relação com o ambiente construído.

Mais do que atender necessidades operacionais, os espaços também são responsáveis por estimular ou limitar determinadas experiências cotidianas. Pallasmaa (2011) defende que a arquitetura deve ser percebida pelo corpo inteiro, enquanto Zumthor (2006) destaca a importância da atmosfera na construção da experiência arquitetônica. Ambientes concebidos a partir de projetos padronizados, no entanto, raramente constroem atmosferas intencionais, o que contribui para a sensação de impessoalidade frequentemente associada a campi institucionais como o do IFRO Vilhena. Elementos como luz, ventilação, acústica, materialidade e escala interferem diretamente na sensação de conforto e permanência. Dessa forma, a relação entre usuário e espaço é construída não apenas pelas funções práticas do ambiente, mas também pela maneira como os lugares acolhem, condicionam ou favorecem diferentes formas de uso e convivência, dimensão que merece atenção especial em contextos onde os usuários permanecem longos períodos do dia.

A noção de pertencimento espacial está diretamente relacionada à forma como os indivíduos constroem vínculos com os lugares que habitam cotidianamente. Essa construção não ocorre de maneira imediata, mas resulta de uma relação contínua entre corpo, espaço e experiência vivida. Bachelard (1993, p. 26) observa que "a casa é o nosso canto no mundo, o nosso primeiro universo", evidenciando que o espaço habitado é capaz de concentrar memórias e significados associados às experiências humanas. Embora a referência ao espaço doméstico seja o ponto de partida do autor, essa perspectiva pode ser ampliada para outros ambientes de permanência prolongada, como as instituições de ensino, onde a vivência cotidiana também produz identificação entre usuários e espaço. No IFRO – Campus Vilhena, a ausência de condições adequadas de permanência e convivência dificulta justamente essa construção de vínculos, mantendo muitos ambientes no registro da neutralidade e da passagem.

Determinados ambientes tornam-se reconhecíveis e memoráveis pela forma como acolhem seus usuários e favorecem relações de permanência, convivência e interação. Mais do que características físicas isoladas, a identidade de um lugar também é construída pela atmosfera produzida pelo ambiente e pelas experiências desenvolvidas em seu interior. O conceito de *genius loci*, discutido por Norberg-Schulz (2006) e abordado por Reis-Alves (2007), relaciona-se à ideia de que cada lugar possui uma identidade própria, capaz de ser percebida e reconhecida por quem o habita. Zumthor (2006) define essa atmosfera como a qualidade capaz de tornar um espaço significativo e memorável, resultado da articulação entre luz, materialidade, escala e formas de permanência. Dessa forma, a experiência arquitetônica ultrapassa a dimensão física do ambiente, envolvendo também aspectos emocionais e psicológicos relacionados à vivência cotidiana dos espaços.

A vivência do espaço envolve ainda dimensões emocionais e psicológicas que influenciam diretamente a forma como os indivíduos percebem, utilizam e se relacionam com os ambientes. O espaço construído não atua apenas como suporte físico das atividades humanas, mas como elemento capaz de provocar sensações, afetos e estados emocionais diversos (PALLASMAA, 2011; ZUMTHOR, 2006). Para Pallasmaa (2011), a arquitetura é percebida de maneira multissensorial, sendo experimentada através do corpo, da memória e das emoções. O autor critica a predominância de uma arquitetura excessivamente visual e defende espaços capazes de estimular experiências humanas mais profundas e sensíveis. Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Bachelard (1993), que entende o espaço como extensão da experiência subjetiva humana, os ambientes carregam significados afetivos que ultrapassam sua dimensão física, tornando-se capazes de despertar memórias, sensações de proteção, pertencimento ou desconforto.

Quando desprovidos de conforto ambiental, acolhimento ou possibilidades de apropriação, os espaços podem provocar sensações negativas persistentes, como ansiedade, opressão e desgaste emocional. Ambientes marcados por calor excessivo, ruídos constantes, superlotação, rigidez espacial ou ausência de áreas de descanso tendem a intensificar experiências de estresse nos ambientes coletivos (PALLASMAA, 2011; ZUMTHOR, 2006). Em espaços educacionais, essas condições tornam-se ainda mais significativas,

considerando que estudantes permanecem longos períodos nesses ambientes e estabelecem relações contínuas com eles. Nesse contexto, a qualidade emocional do espaço passa a integrar a própria qualidade arquitetônica. Mais do que responder a exigências técnicas e funcionais, os ambientes precisam considerar as dimensões subjetivas da experiência humana, favorecendo sensações de acolhimento, segurança e bem-estar (PALLASMAA, 2011; HERTZBERGER, 2008).

Estudos recentes no campo da Psicologia Ambiental e da arquitetura escolar reforçam a influência do ambiente construído sobre aspectos relacionados ao bem-estar, à atenção e às relações sociais nos espaços educacionais. Vergara e Tieppo (2026) identificam que atributos como iluminação natural, ventilação, organização espacial, conforto ambiental e adequação do mobiliário estão diretamente associados à sensação de acolhimento, conforto e melhora da concentração dos estudantes. As autoras destacam ainda a importância dos espaços de convivência para a construção de vínculos, socialização e sentimento de pertencimento, compreendendo o ambiente escolar como parte ativa da experiência educacional e não apenas como suporte funcional das atividades pedagógicas. Assim, ambientes educacionais capazes de favorecer conforto, convivência e permanência tendem a contribuir positivamente para a experiência cotidiana dos usuários (VERGARA; TIEPPO, 2026).

Nos ambientes educacionais, a qualidade espacial influencia diretamente a forma como os usuários permanecem, convivem e se apropriam dos espaços ao longo da rotina acadêmica. A experiência universitária não se restringe às salas de aula, mas envolve também momentos de descanso, espera, socialização e circulação entre diferentes ambientes. Nesse sentido, espaços coletivos deixam de atuar apenas como áreas complementares às atividades pedagógicas e passam a desempenhar papel importante na construção das experiências cotidianas dos estudantes. No Campus Vilhena, contudo, esses espaços ainda operam predominantemente como áreas de passagem, o que limita seu potencial como lugares de convivência e permanência, condição que este trabalho busca compreender e discutir.

A qualidade dos espaços coletivos está diretamente relacionada à capacidade de promover permanência, convivência e apropriação pelos usuários. Gehl (2015) distingue entre atividades necessárias, realizadas independentemente das condições do ambiente, e atividades opcionais, que dependem diretamente da qualidade espacial oferecida pelo lugar. Essa distinção torna-se particularmente relevante em instituições de ensino: quando os espaços não oferecem conforto, acolhimento ou possibilidades de permanência, os usuários tendem a restringir sua presença ao mínimo indispensável, reduzindo as possibilidades de uso espontâneo dos ambientes.

Hertzberger (2008) defende que os ambientes educacionais devem oferecer liberdade de uso, convivência e possibilidades de apropriação por parte dos usuários, funcionando como espaços capazes de estimular encontros, permanência e diferentes formas de interação cotidiana. Tais princípios, porém, raramente orientaram a concepção dos campi de institutos federais brasileiros, onde a lógica da padronização construtiva prevaleceu sobre a qualidade

da experiência espacial. No caso do IFRO – *Campus* Vilhena, essa tensão entre eficiência funcional e qualidade espacial é particularmente visível nos espaços coletivos, que serão analisados com maior profundidade nos capítulos seguintes.

Em instituições onde estudantes permanecem longos períodos do dia, a qualidade do ambiente construído ultrapassa a dimensão do conforto imediato e passa a integrar a própria experiência de estar e pertencer ao espaço. Fatores como iluminação, ventilação, mobiliário e a existência de áreas de convivência não são elementos secundários, são condições que interferem diretamente na forma como os usuários se relacionam com o ambiente ao longo da rotina acadêmica. Ambientes excessivamente rígidos ou voltados exclusivamente à circulação tendem a esvaziar essas possibilidades, reduzindo o espaço à sua função mais imediata e limitando experiências de apropriação e identificação (GEHL, 2015; HERTZBERGER, 2008). Rasmussen (1998, p. 73) sintetiza essa aspiração ao afirmar que "a boa arquitetura é aquela que estimula a imaginação e provoca o desejo de permanecer no lugar", definição que evidencia o quanto a experiência espacial ultrapassa os critérios técnicos e funcionais habitualmente adotados na avaliação de edificações públicas.

Essa dimensão ganha relevância quando articulada às discussões sobre permanência estudantil, presentes em políticas como o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), voltado ao fortalecimento do vínculo acadêmico e à redução da evasão universitária (BRASIL, 2010). Ainda assim, enquanto o PNAES investe no suporte socioeconômico como condição de permanência, a qualidade dos espaços físicos, igualmente capaz de influenciar o sentimento de pertencimento e a disposição dos estudantes para permanecer na instituição, segue recebendo pouca atenção nas políticas de gestão do patrimônio público educacional.

Grande parte das instituições públicas de ensino brasileiras foi concebida a partir de modelos arquitetônicos padronizados, orientados principalmente pela racionalização construtiva e pela eficiência funcional. Embora esses modelos tenham sido fundamentais para a ampliação do acesso à educação pública, também contribuíram para a reprodução de ambientes frequentemente homogêneos e pouco sensíveis às especificidades climáticas, sociais e culturais de seus usuários.

Em muitos casos, os espaços coletivos tornaram-se predominantemente áreas de circulação e passagem, com poucas possibilidades de permanência prolongada ou vínculo com o espaço. A ausência de mobiliário adequado, o desconforto ambiental e a escassez de ambientes destinados à convivência contribuem para experiências espaciais marcadas pela transitoriedade e pela pouca identificação dos usuários com determinados setores institucionais. No IFRO – *Campus* Vilhena, essa condição é especialmente perceptível: implantado a partir de uma estrutura originalmente destinada a outro nível de ensino, o campus reproduz em grande medida os limites dessa lógica padronizada, produzindo espaços funcionalmente eficientes, mas pouco capazes de acolher a diversidade de usos e experiências de sua comunidade acadêmica.

Para Tuan (1983), o espaço passa a adquirir significado quando é vivido e apropriado pelas pessoas, transformando-se em lugar a partir das experiências construídas no cotidiano. Essa

transformação, no entanto, pressupõe condições espaciais mínimas que nem sempre estão presentes, e que, no contexto do IFRO – *Campus* Vilhena, constituem parte central das questões investigadas neste trabalho.

A produção de espaços genéricos e impessoais é frequentemente resultado da reprodução de modelos padronizados, desvinculados das especificidades dos lugares onde são implantados. Pallasmaa (2011) critica essa impessoalidade ao defender que a arquitetura deve ser compreendida por todos os sentidos, e não apenas pela visão. Unwin (2013, p. 19) complementa ao afirmar que "toda construção carrega um propósito humano que ultrapassa sua função técnica; ela comunica valores e modos de vida". Ainda assim, mesmo espaços inicialmente neutros podem ser ressignificados a partir das formas de uso e ocupação desenvolvidas pelos próprios usuários, e é justamente nessa possibilidade de ressignificação que reside parte do potencial investigativo deste trabalho.

A questão da adaptação de edificações existentes a novos usos impõe desafios específicos ao campo da arquitetura. Quando um edifício projetado para determinada função é reapropriado para atender a outro programa, surgem tensões entre as condicionantes físicas preexistentes e as novas demandas espaciais, funcionais e simbólicas. Lefebvre (2006, p. 33) destaca que "o espaço é um produto social, continuamente recriado pelas práticas e relações humanas", indicando que a transformação do espaço não é apenas técnica, mas envolve também processos de ressignificação e identificação espacial.

No contexto do IFRO – *Campus* Vilhena, essa perspectiva orienta a leitura dos espaços coletivos investigados neste trabalho. Pallasmaa (2011, p. 62) sugere que "a arquitetura deve dialogar com as condições existentes, revelando nelas novas possibilidades de experiência", o que indica que a intervenção sobre o espaço preexistente pode representar um processo de descoberta e potencialização das qualidades do ambiente construído. Nesse sentido, os espaços do campus são compreendidos não como ambientes a serem descartados, mas como lugares passíveis de requalificação a partir da escuta de seus usuários e da compreensão das experiências cotidianas que neles se desenvolvem.

As discussões desenvolvidas ao longo deste referencial demonstram que os ambientes educacionais ultrapassam sua dimensão estritamente funcional. Mais do que abrigar atividades acadêmicas, os espaços universitários participam continuamente das relações de convivência, descanso, circulação e apropriação construídas pelos usuários ao longo da rotina institucional. Compreender essas relações exige observar não apenas as características físicas dos ambientes, mas também as formas como os usuários os utilizam, ocupam e habitam ao longo do cotidiano acadêmico. No caso do IFRO – *Campus* Vilhena, essa discussão torna-se especialmente relevante diante das limitações identificadas nos espaços coletivos do campus, principalmente em relação ao conforto ambiental, à permanência e às possibilidades de convivência. Assim, a pesquisa busca aproximar leitura espacial, experiência cotidiana e percepção dos usuários, utilizando instrumentos participativos como forma de compreender as dinâmicas e apropriações construídas no ambiente universitário.



3. METODOLOGIA

Desenvolvida com o objetivo de compreender as relações estabelecidas entre os usuários e os espaços coletivos do Instituto Federal de Rondônia, a metodologia desta pesquisa considerou aspectos perceptivos, ambientais e funcionais presentes no cotidiano acadêmico. Para isso, foram articulados procedimentos de observação espacial, levantamento empírico, participação dos usuários e desenvolvimento de estudos projetuais, construindo uma leitura ampla das experiências vivenciadas no campus.

Estruturada em etapas complementares, a pesquisa envolveu revisão teórica, visitas de campo, coleta participativa de dados, sistematização das informações e elaboração de diretrizes projetuais. Além da análise das condições físicas e ambientais dos espaços, buscou-se compreender como os ambientes influenciam a permanência, a convivência, a apropriação e o bem-estar dos usuários.

Como desdobramento das análises, foram produzidos croquis e representações visuais das intervenções propostas para os ambientes estudados, explorando soluções relacionadas ao conforto ambiental, à permanência e à qualificação dos espaços coletivos. Esse conjunto de procedimentos aproximou investigação e prática projetual, conferindo à pesquisa um caráter simultaneamente analítico e propositivo.

ESQUEMA METODOLÓGICO DA PESQUISA



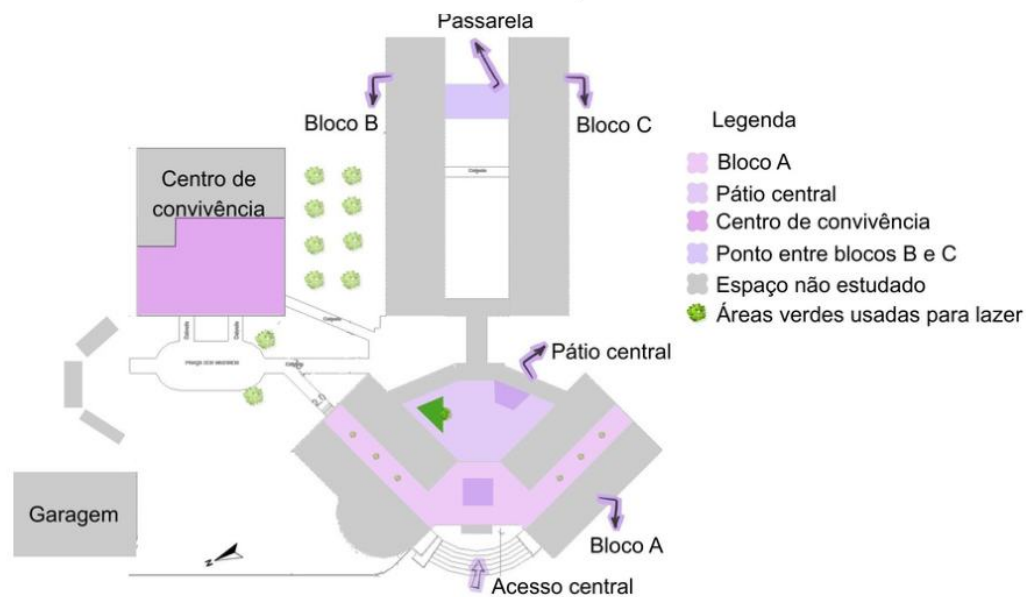
3.1 Caracterização da Pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, buscando compreender as relações perceptivas, afetivas e funcionais estabelecidas pelos usuários com os espaços coletivos do Instituto Federal de Rondônia. O estudo parte do pressuposto de que os ambientes educacionais ultrapassam sua dimensão estritamente funcional, exercendo influência direta sobre as experiências de permanência, convivência e pertencimento no cotidiano acadêmico.

O caráter exploratório relaciona-se à investigação das experiências sensíveis e das dinâmicas de uso presentes no campus, especialmente no que diz respeito às relações entre espaço, conforto ambiental e apropriação coletiva. O caráter descritivo, por sua vez, fundamenta-se no levantamento e registro das condições espaciais observadas, possibilitando a identificação de características físicas, ambientais e comportamentais dos ambientes analisados.

A pesquisa articula observação espacial, participação dos usuários e desenvolvimento de estudos projetuais, integrando diferentes instrumentos de leitura e interpretação do espaço. Com isso, busca-se compreender não apenas as deficiências existentes nos ambientes estudados, mas também suas potencialidades de transformação, considerando as demandas e percepções dos próprios usuários. Conforme apresentado na Figura 1, o campus do Instituto Federal de Rondônia localiza-se no município de Vilhena, estado de Rondônia.

Figura 1 — Croqui de leitura espacial, fluxos e permanências nos espaços analisados do IFRO Campus Vilhena.



Fonte: Souza (2026).

3.2 Fundamentação e Etapas Metodológicas

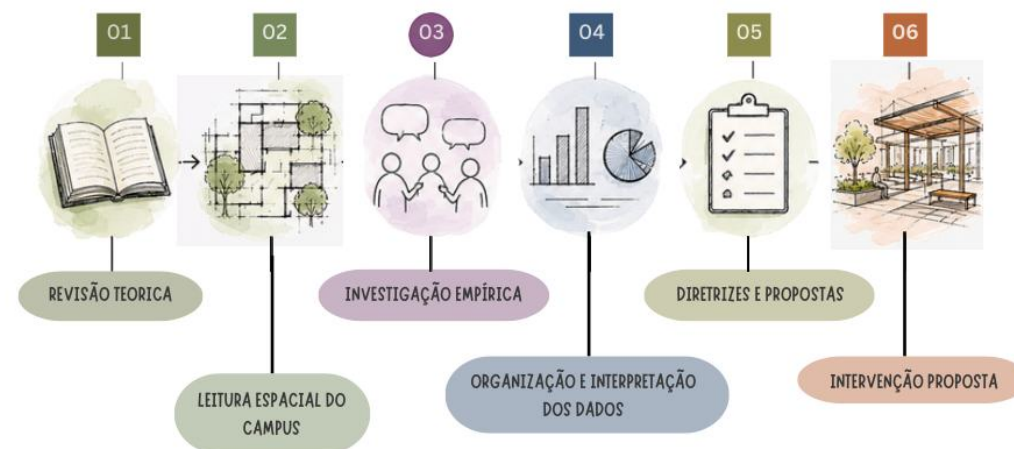
A metodologia foi desenvolvida a partir da articulação entre revisão teórica, leitura espacial do campus e investigação empírica junto aos usuários. Inicialmente, a pesquisa concentrou-se na construção de uma base conceitual voltada à compreensão da experiência sensível do espaço, reunindo autores cujas obras abordam percepção arquitetônica, ambiência, atmosfera e apropriação dos espaços coletivos.

Concomitante à revisão bibliográfica, realizou-se a análise do campus do Instituto Federal de Rondônia por meio de registros fotográficos, observações presenciais e leitura da configuração espacial existente. Essa etapa permitiu compreender as características do ambiente construído, seus fluxos, formas de ocupação e limitações enquanto edificação adaptada às demandas atuais da comunidade acadêmica.

O percurso investigativo foi estruturado em etapas complementares. A primeira concentrou-se no levantamento empírico e na observação dos espaços, buscando identificar comportamentos, permanências, relações de uso e condições ambientais. A segunda correspondeu à etapa participativa, baseada na coleta espontânea de percepções e manifestações dos usuários acerca dos ambientes analisados.

Com base nas informações obtidas, procedeu-se à organização e interpretação dos dados a partir de categorias analíticas relacionadas às dimensões emocional, espacial, ambiental, funcional e social. Por fim, os resultados serviram de base para a elaboração de diretrizes projetuais, estudos preliminares e representações visuais das intervenções propostas para o campus. Conforme apresentado no Fluxograma 1, a metodologia articulou revisão teórica, investigação empírica e desenvolvimento projetual.

Fluxograma 1 — Etapas metodológicas da pesquisa

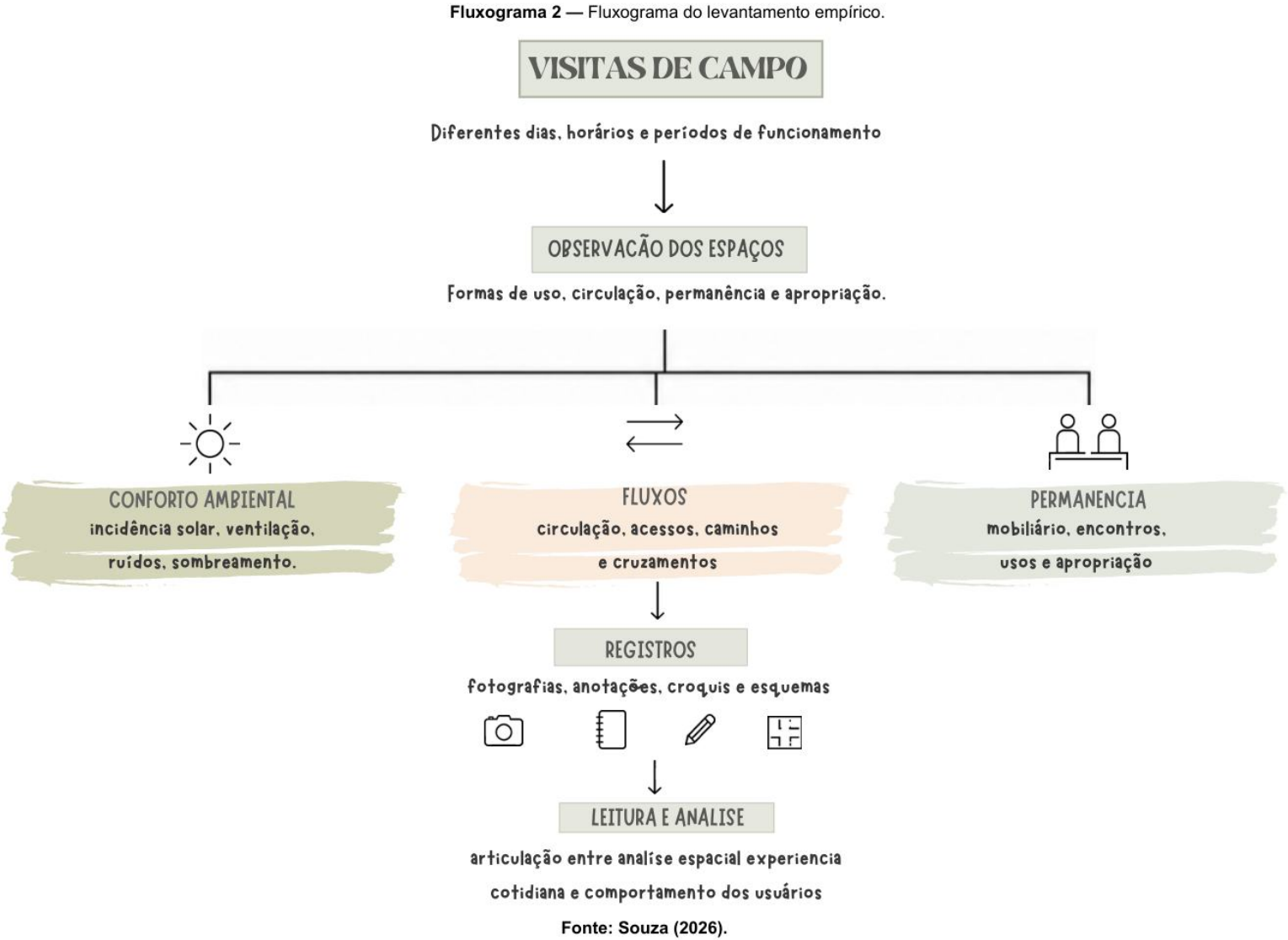


Fonte: Souza (2026).

3.3 Levantamento Empírico

O levantamento empírico foi desenvolvido por meio de visitas de campo realizadas no campus do Instituto Federal de Rondônia, em diferentes períodos e horários de funcionamento acadêmico, com o objetivo de compreender as dinâmicas cotidianas dos espaços, observando formas de uso, permanência, circulação e apropriação pelos usuários. Durante as visitas, foram analisados aspectos relacionados ao conforto ambiental, às condições físicas dos ambientes e às relações estabelecidas entre os usuários e os espaços coletivos do campus. A observação considerou fatores como incidência solar, ventilação, ruídos, sombreamento, mobiliário existente, fluxos de circulação e permanência prolongada.

Complementando a observação direta, recorreu-se a registros fotográficos, anotações em caderno de campo, esquemas gráficos e croquis de leitura espacial, documentando tanto aspectos técnicos quanto percepções sensíveis relacionadas às atmosferas dos ambientes analisados. Tais registros contribuíram para a construção de uma leitura mais ampla do campus, articulando análise espacial, experiência cotidiana e comportamento dos usuários. Desse modo, a etapa constituiu a base inicial para o desenvolvimento da investigação participativa e para a formulação das diretrizes projetuais elaboradas posteriormente. O Fluxograma 2 apresenta de forma esquemática as etapas do levantamento empírico desenvolvidas ao longo da pesquisa.



3.4 Coleta Participativa de Dados

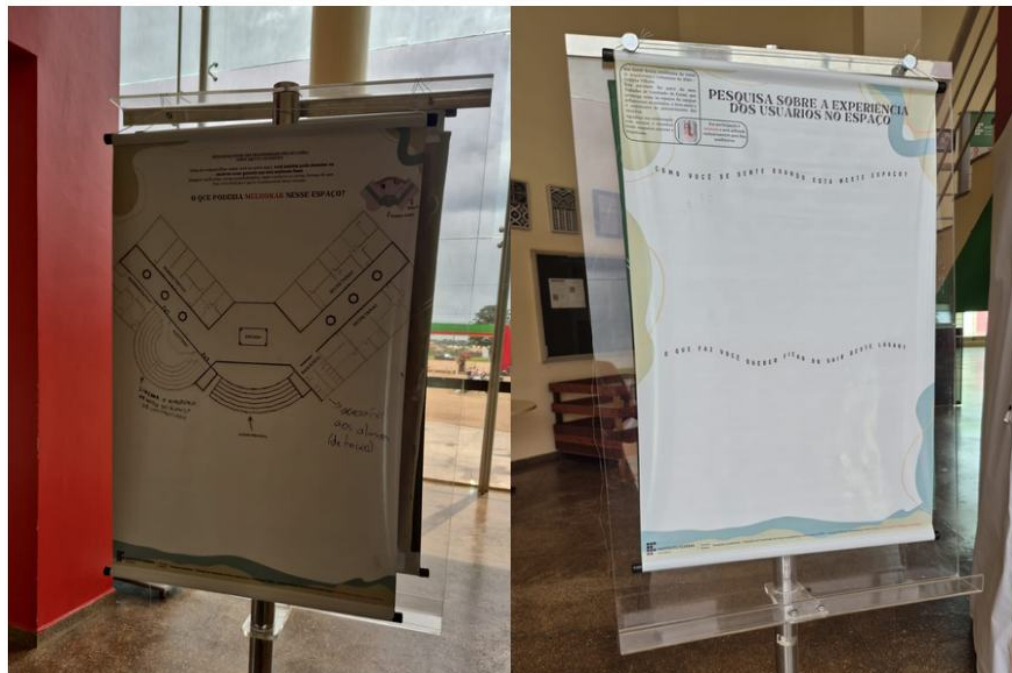
A coleta participativa foi realizada por meio da instalação de banners interativos em diferentes espaços do campus do Instituto Federal de Rondônia, incluindo o Bloco A, o Centro de Convivência, o Pátio Central e a área verde entre os blocos. A proposta teve como objetivo captar percepções espontâneas dos usuários acerca das condições físicas, emocionais e funcionais dos ambientes frequentados no cotidiano acadêmico.

Por meio dessa dinâmica, os participantes puderam registrar livremente palavras, frases, críticas, sugestões e sensações relacionadas aos espaços analisados, estimulando manifestações diretas e não mediadas. Com isso, foi possível identificar experiências cotidianas, demandas recorrentes e relações afetivas estabelecidas com o campus.

Desenvolvida de maneira aberta, a coleta possibilitou a participação de diferentes usuários ao longo do período de exposição dos banners. As respostas obtidas revelaram tanto aspectos ligados ao desconforto ambiental e às limitações espaciais quanto manifestações de pertencimento, convivência e apropriação coletiva.

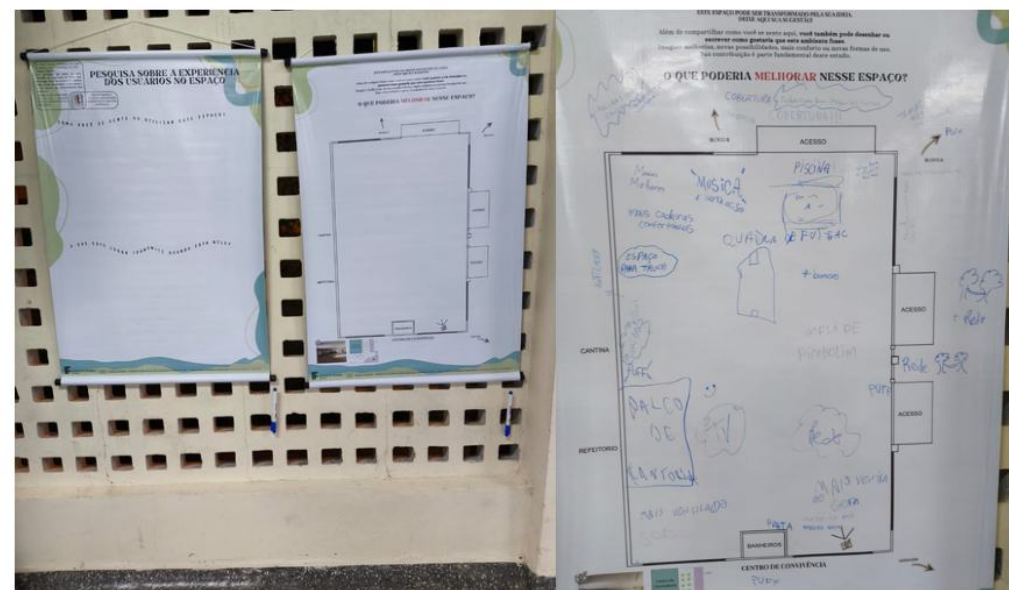
Ao incorporar percepções construídas a partir da vivência cotidiana dos usuários, essa etapa ampliou a compreensão sobre os ambientes estudados a partir da perspectiva dos próprios usuários. Os registros a seguir apresentam parte do processo de instalação e preenchimento dos banners participativos utilizados durante a coleta de dados.

Figura 2 — Registros da instalação e participação dos usuários nos banners interativos utilizados durante a coleta de dados (Bloco A)



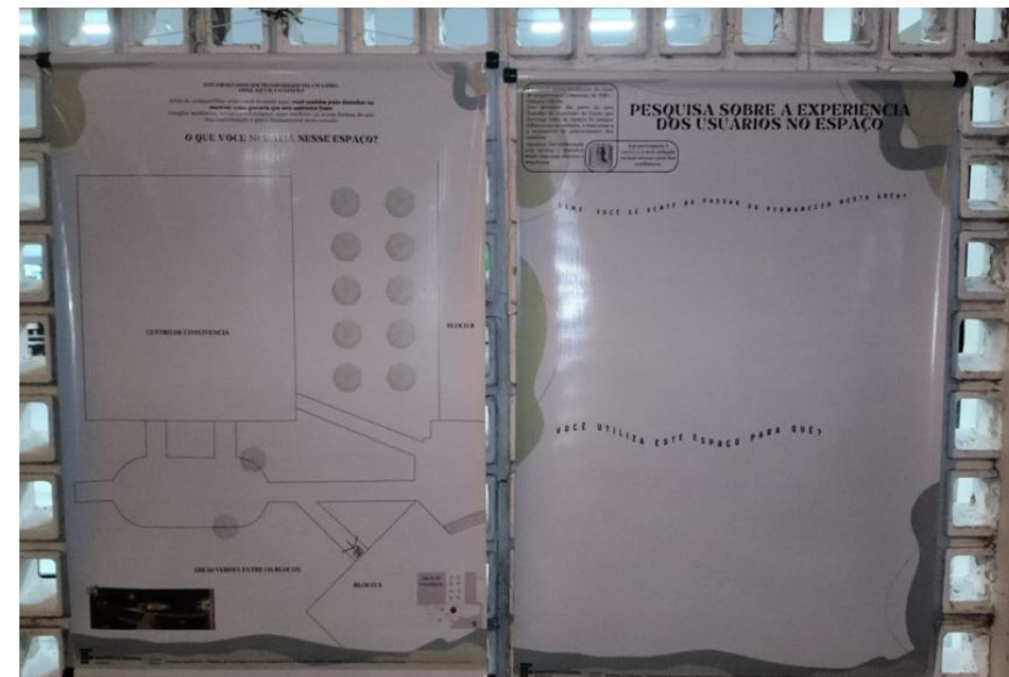
Fonte: Souza (2026).

Figura 3 — Registros da instalação e participação dos usuários nos banners interativos utilizados durante a coleta de dados (Centro de Convivência).



Fonte: Souza (2026).

Figura 4 — Registros da instalação e participação dos usuários nos banners interativos utilizados durante a coleta de dados (Área Verde).



Fonte: Souza (2026).

3.5 Sistematização e Categorização das Informações

Concluída a etapa de coleta participativa, as respostas registradas nos banners foram organizadas em planilhas e agrupadas de acordo com suas recorrências, temas e relações com os espaços analisados. O processo de sistematização teve como objetivo estruturar as informações obtidas, possibilitando uma leitura comparativa das percepções manifestadas pelos usuários.

Com base nessa organização, as respostas foram categorizadas em diferentes dimensões analíticas — emocional, física, ambiental, espacial, funcional e social —, considerando tanto a frequência de ocorrência dos termos quanto a repetição de manifestações semelhantes relacionadas às experiências espaciais dos usuários. Esse agrupamento possibilitou identificar padrões de uso, demandas recorrentes e relações entre as condições espaciais do campus e as experiências cotidianas de quem o habita.

Palavras com significados aproximados foram reunidas em categorias comuns, reduzindo redundâncias e viabilizando comparações mais precisas entre os dados. Comentários sem relação direta com os objetivos da pesquisa, bem como inscrições de caráter exclusivamente humorístico ou desconectadas da experiência espacial analisada, foram desconsiderados. Em situações ambíguas, a interpretação considerou o contexto geral da manifestação registrada, permitindo compreender simultaneamente aspectos físicos, emocionais e sociais associados aos espaços.

Foram observadas, ainda, recorrências relacionadas a sentimentos, necessidades e formas de apropriação dos ambientes, contribuindo para compreender de que modo determinados espaços influenciam a permanência, a convivência e o bem-estar no contexto acadêmico.

Figura 5 — Diagrama de categorização das informações coletadas na pesquisa.



Fonte: Souza (2026).

Tais resultados serviram de base para as etapas posteriores de análise e interpretação dos dados, orientando a construção das diretrizes projetuais e dos estudos de intervenção desenvolvidos ao longo da pesquisa.

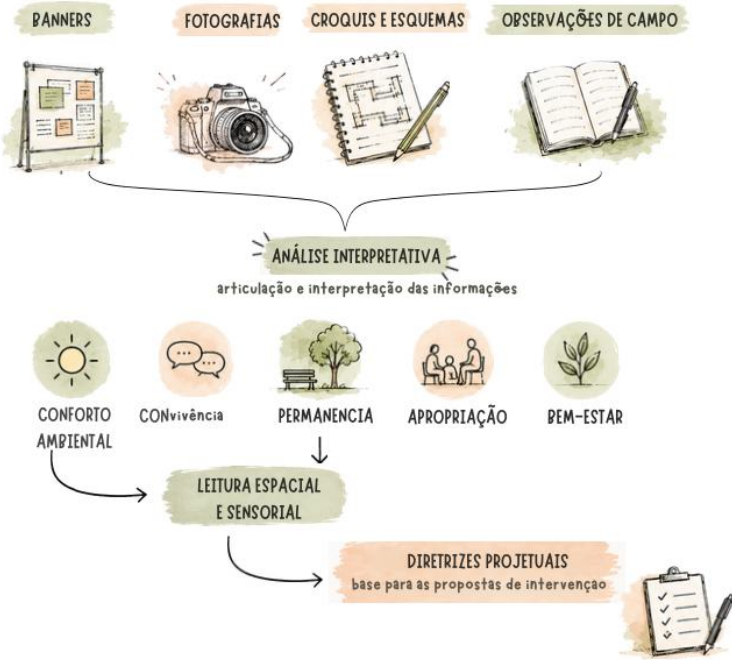
3.6 Procedimentos de Análise

Desenvolvida de forma interpretativa, a análise das informações articulou observação espacial, percepção dos usuários e leitura das condições ambientais identificadas no campus. O processo buscou compreender não apenas os problemas físicos existentes nos ambientes estudados, mas também as experiências e sensações associadas à permanência nesses espaços.

As respostas coletadas nos banners foram examinadas a partir de suas recorrências temáticas e relações com as categorias estabelecidas anteriormente, identificando padrões ligados ao conforto ambiental, convivência, permanência, apropriação e bem-estar. A interpretação considerou tanto manifestações objetivas, relacionadas à infraestrutura e ao funcionamento dos espaços, quanto aspectos subjetivos, associados às atmosferas e experiências emocionais relatadas pelos usuários.

Somados à análise participativa, os registros produzidos durante as visitas de campo, fotografias, croquis, esquemas e observações presenciais, subsidiaram a leitura técnica e espacial dos ambientes. Foram observados fatores relacionados à iluminação, ventilação, sombreamento, organização espacial, fluxos de circulação, mobiliário e formas de uso coletivo.

Figura 6 — Estrutura interpretativa da análise dos dados.



Fonte: Souza (2026).

A articulação entre os diferentes instrumentos permitiu construir uma compreensão mais ampla das dinâmicas espaciais do campus, fundamentando a definição das diretrizes projetuais e o desenvolvimento das propostas de intervenção elaboradas na etapa seguinte.

3.7 Desenvolvimento das Diretrizes Projetuais

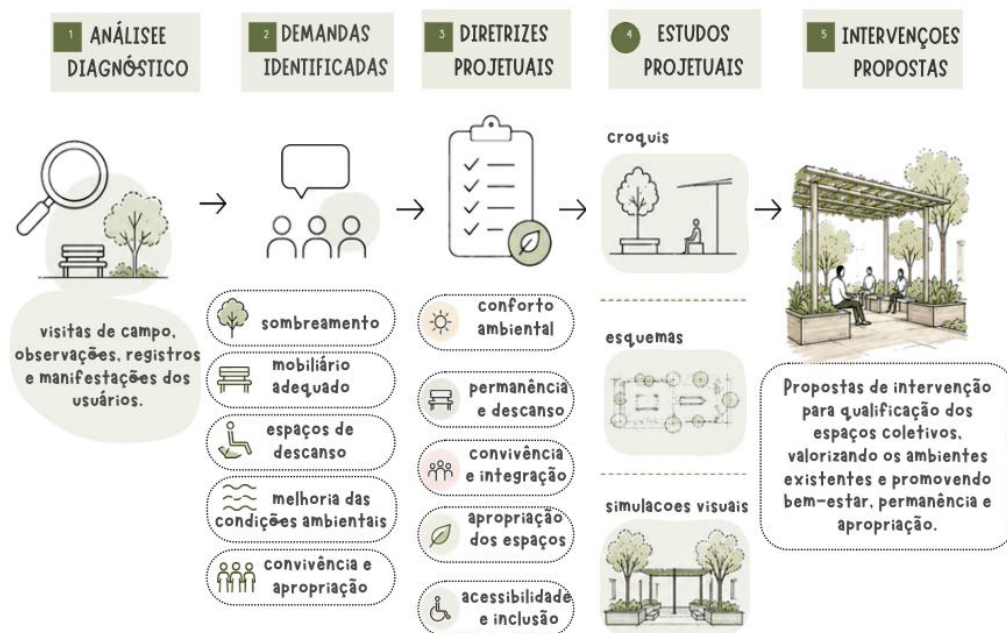
Com base nas análises realizadas ao longo da pesquisa, foram elaboradas diretrizes projetuais voltadas à qualificação dos espaços coletivos do Instituto Federal de Rondônia. As propostas buscaram responder às demandas identificadas durante as visitas de campo e nas manifestações dos usuários, considerando aspectos relacionados ao conforto ambiental, permanência, convivência, acessibilidade e apropriação dos ambientes.

Organizadas de acordo com as especificidades de cada setor analisado, as diretrizes respeitaram as características espaciais, formas de uso e dinâmicas cotidianas de cada ambiente. Entre as principais demandas identificadas, destacam-se a necessidade de áreas sombreadas, mobiliário adequado, espaços de descanso, melhoria das condições ambientais e criação de ambientes destinados à convivência coletiva.

Partindo da compreensão de que pequenas intervenções espaciais podem alterar significativamente a relação dos usuários com o ambiente construído, as propostas buscaram valorizar espaços já existentes no campus, sugerindo soluções compatíveis com as condições físicas observadas e com as formas de apropriação identificadas durante a pesquisa.

Nesse sentido, a etapa constituiu a transição entre a análise dos dados e o desenvolvimento dos estudos projetuais, orientando a elaboração das intervenções representadas por meio de croquis, esquemas e simulações visuais.

Figura 7 — Desenvolvimento das diretrizes projetuais.



Fonte: Souza (2026))

3.8 Produção de Croquis e Estudos Projetuais

Integrando o processo metodológico, foram desenvolvidos croquis manuais e estudos exploratórios voltados à investigação das possíveis intervenções nos espaços analisados. Os desenhos funcionam como instrumento de leitura, experimentação e interpretação espacial, permitindo testar soluções relacionadas à permanência, circulação, mobiliário, cobertura, paisagismo e organização dos ambientes coletivos.

Produzidos a partir das observações realizadas em campo e das demandas identificadas pelos usuários na etapa participativa, os croquis possibilitaram compreender relações de escala, usos cotidianos, fluxos e potencialidades espaciais do campus, contribuindo para o amadurecimento gradual das propostas.

Ao longo desse processo, os estudos projetuais buscaram respeitar as características já presentes nos ambientes analisados, priorizando intervenções pontuais e estratégias de qualificação espacial capazes de favorecer convivência, conforto ambiental e apropriação coletiva. Mais do que representação gráfica das propostas, os desenhos funcionam como ferramenta de reflexão e desenvolvimento projetual.

Aproximando análise e projeto, a etapa articulou as informações obtidas durante o levantamento empírico com possibilidades concretas de transformação dos espaços estudados.

3.9 Representação Visual das Propostas

Concluída a etapa de croquis e estudos preliminares, as propostas passaram por um processo de representação visual com o objetivo de aproximar as intervenções de suas possíveis condições de uso e inserção no contexto atual do campus. Para as visualizações finais, foram utilizadas ferramentas de geração de imagens por inteligência artificial, a partir das referências, croquis e diretrizes elaborados ao longo da pesquisa, como recurso para explorar atmosferas, materialidades e formas de apropriação que os desenhos técnicos, por si só, não conseguiriam transmitir com a mesma riqueza sensorial.

As imagens geradas preservaram as características físicas e espaciais observadas nos locais estudados, explorando possibilidades de ocupação e qualificação dos espaços coletivos a partir dos elementos já existentes em cada ambiente. Foram considerados aspectos relacionados ao conforto ambiental, convivência, paisagismo e apropriação cotidiana pelos usuários, com o intuito de comunicar não apenas a forma das intervenções, mas a experiência espacial pretendida.

Nesse processo, as representações contribuíram para a análise das atmosferas desejadas para cada ambiente, permitindo compreender de forma mais concreta os impactos das intervenções na vivência cotidiana do campus. Atuando como instrumento complementar de investigação projetual, a visualização das propostas auxiliou na consolidação das diretrizes elaboradas ao longo da pesquisa.

4. ANÁLISES REFERENCIAIS

Esta seção apresenta análises referenciais de projetos e espacialidades selecionados a partir de sua relação com os temas centrais desta pesquisa — permanência, convivência, apropriação e experiência sensorial do espaço. As referências foram escolhidas não apenas por suas qualidades formais e funcionais, mas pela capacidade de promover relações mais humanas e afetivas entre os usuários e o ambiente construído.

A análise considera aspectos como implantação, materialidade, ambiência, flexibilidade de uso e ocupação coletiva, buscando compreender como determinadas estratégias arquitetônicas influenciam a experiência cotidiana e a construção de vínculos com o espaço. Entre os referenciais selecionados, destaca-se o SESC Pompéia, projetado por Lina Bo Bardi, reconhecido pela valorização da convivência, da apropriação coletiva e da permanência. Paralelamente, o campus do IFRO – Vilhena é incorporado como objeto analítico, permitindo relacionar os referenciais estudados às condições espaciais, sociais e institucionais presentes no contexto de intervenção.

4.1. Estudo de Caso: SESC Pompéia – Lina Bo Bardi

O SESC Pompéia, localizado no bairro da Pompeia, zona oeste de São Paulo (SP), foi projetado por Lina Bo Bardi e inaugurado em 1982, é uma das principais referências brasileiras de intervenção arquitetônica em edificações preexistentes. Implantado em uma antiga fábrica de tambores da década de 1930, o projeto articula a estrutura industrial original — em grande parte preservada — a novos volumes destinados a atividades esportivas e culturais.

Os galpões fabris foram adaptados para abrigar espaços de convivência, exposições, oficinas e áreas coletivas, conectados às torres esportivas por passarelas elevadas. Essa configuração diversifica os percursos e amplia as possibilidades de circulação e permanência ao longo do conjunto. A materialidade combina concreto aparente, tijolos, estruturas metálicas e amplas aberturas, mantendo a linguagem industrial original,

iluminação natural, ventilação cruzada e espaços intermediários contribuem para a diversidade espacial e para diferentes formas de ocupação cotidiana.

Pátios internos e áreas de transição organizam ambientes coletivos de permanência, admitindo usos simultâneos e flexíveis. Vegetação, espelhos d'água e mobiliário distribuídos pelo conjunto reforçam a integração entre arquitetura, circulação e convivência. O complexo abriga atividades culturais, esportivas e de lazer, recebendo públicos diversos ao longo do dia — e a flexibilidade dos espaços, aliada à valorização das áreas coletivas, permite múltiplas formas de apropriação, consolidando o SESC Pompéia como referência central de adaptação arquitetônica em estruturas industriais preexistentes.

Figura 8: Fachada do Sesc Pompeia



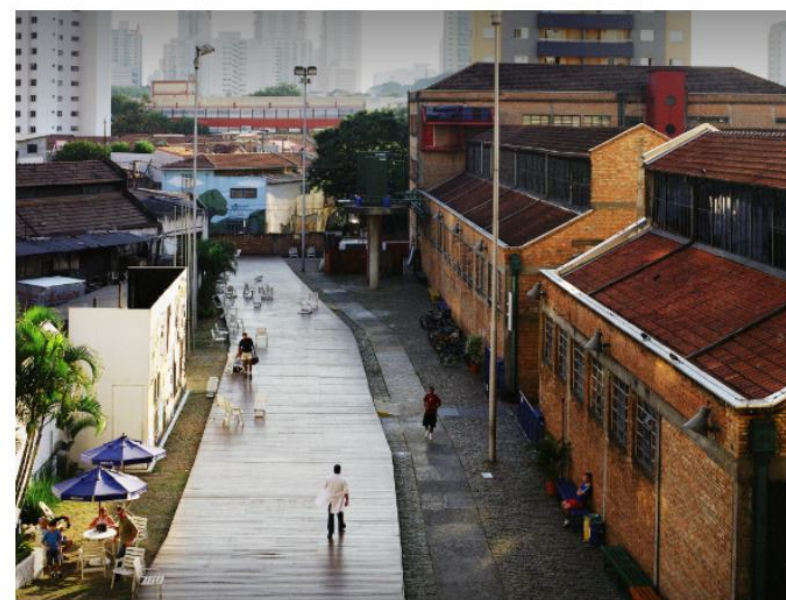
Fonte: Pedro Kok (2013).

Figura 9: Área de Convivência interna do Sesc Pompeia



Fonte: Pedro Kok (2013).

Figura 10: Área de Convivência do Sesc Pompeia



Fonte: Pedro Kok (2013).

4.2. Estudo de Caso: IFRO – Campus Vilhena

O IFRO – *Campus Vilhena* foi implantado por volta de 2010, seguindo a tipologia arquitetônica padronizada da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, com posterior inserção de cursos de bacharelado — entre eles o de Arquitetura e Urbanismo, iniciado em 2017. A implantação organiza-se de forma linear, estruturada por blocos administrativos, pedagógicos, laboratoriais e de convivência, interligados por circulações externas cobertas e áreas abertas destinadas à passagem e à permanência.

A fachada principal caracteriza-se pelo uso de grandes painéis de vidro, que permitem ampla incidência de iluminação natural, e pela pintura nas cores institucionais do IFRO. Os blocos distribuem-se ao redor de áreas livres pavimentadas e espaços gramados, configurando setores de circulação e permanência entre as edificações. A materialidade predominante é composta por alvenaria, esquadrias metálicas e pinturas em tons neutros, evidenciando a lógica construtiva funcional e padronizada adotada nas edificações da Rede Federal.

Figura 11: Fachada principal do IFRO



Fonte: Acervo pessoal (2026).

A organização espacial estabelece percursos longitudinais entre os blocos, articulando os diferentes setores por meio de circulações externas e áreas intermediárias. Os espaços de convivência e os pátios apresentam carência de mobiliário adequado ao estudo e à permanência prolongada, limitando as possibilidades de uso para além do trânsito entre blocos. As áreas externas gramadas, por sua vez, são apropriadas informalmente pelos estudantes ao longo do dia — especialmente nos períodos de intervalo —, além de abrigarem espaços destinados a atividades institucionais, eventos acadêmicos e circulação coletiva organizados a partir do eixo central do conjunto.

Figura 12: Centro de Convivência do IFRO-Campus Vilhena



Fonte: Acervo pessoal (2025).

O campus é utilizado por estudantes do ensino médio integrado e da graduação, além de servidores técnico-administrativos e docentes. A dinâmica de uso caracteriza-se pela circulação intensa entre os setores acadêmicos e pela concentração das permanências em espaços específicos — o centro de convivência, os corredores cobertos e o pátio central. Enquanto estudo de caso, o IFRO – *Campus Vilhena* permite compreender a organização espacial de uma instituição federal de ensino estruturada a partir de soluções padronizadas, evidenciando relações entre circulação, permanência, setorização funcional e uso cotidiano dos espaços coletivos.

Figura 13: Área verde entre os blocos do IFRO-Campus Vilhena



Fonte: Acervo pessoal (2025).



5. IFRO: ANÁLISE TÉCNICA E DIAGNÓSTICO ESPACIAL

Áreas externas amplas, setores predominantemente circulatórios e ambientes com infraestrutura limitada de convivência evidenciam uma organização espacial voltada prioritariamente ao desempenho funcional. Embora eficiente do ponto de vista operacional, essa configuração nem sempre contempla de forma adequada as experiências sensoriais, sociais e emocionais dos usuários.

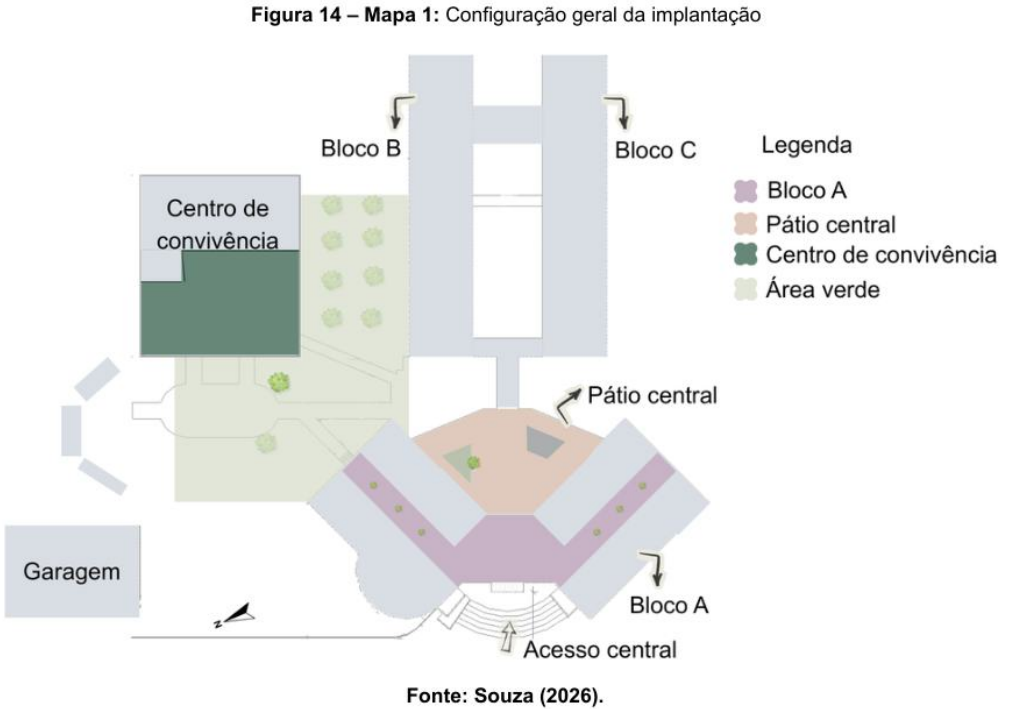
Apesar dessas limitações, os dados obtidos ao longo da pesquisa revelam manifestações de pertencimento e usos espontâneos que demonstram a capacidade da comunidade acadêmica de estabelecer vínculos com determinados espaços do campus. Permanências improvisadas, ocupações coletivas e intervenções realizadas pelos próprios usuários evidenciam que a construção da afetividade espacial não depende exclusivamente da intenção formal do projeto, mas também das práticas cotidianas e das relações desenvolvidas ao longo do tempo.

A análise comparativa evidencia que o SESC Pompéia incorpora estratégias que favorecem o acolhimento, a diversidade sensorial e a apropriação espontânea, enquanto o IFRO apresenta predominância funcional e menor ativação de seus espaços coletivos. A partir dessas observações, desenvolve-se o diagnóstico espacial e afetivo apresentado nas seções seguintes.

5.1 Caracterização Física e Espacial

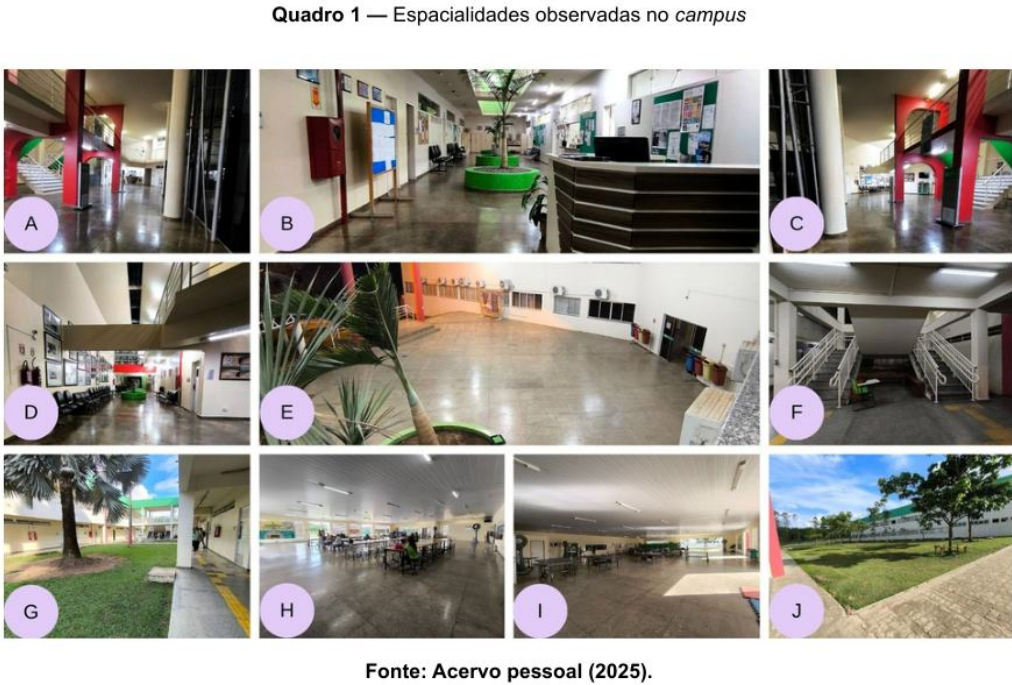
O IFRO – *Campus* Vilhena estrutura-se a partir de uma implantação linear composta por blocos administrativos, pedagógicos, laboratoriais e áreas de convivência, interligados por circulações externas. O conjunto organiza-se em torno do pátio central, articulado ao Bloco A, aos Blocos B e C e ao centro de convivência, estabelecendo os principais percursos de circulação e distribuição do campus.

O Bloco A, localizado próximo ao acesso principal, funciona como ponto inicial de distribuição, conectando-se ao pátio central por meio de circulações descobertas. Os Blocos B e C concentram salas de aula e laboratórios organizados em percursos longitudinais, enquanto o centro de convivência configura-se como principal espaço coletivo de apoio às atividades acadêmicas.



O pátio central, por sua vez, caracteriza-se pela presença de áreas pavimentadas associadas a setores gramados e vegetação dispersa, funcionando como articulador entre os diferentes ambientes do conjunto.

No que se refere aos espaços de convivência, estes distribuem-se entre áreas abertas, corredores cobertos e ambientes internos destinados ao estudo, à alimentação e à socialização. O centro de convivência abriga mesas coletivas, espaço de jogos, armários compartilhados e áreas de apoio aos estudantes, enquanto os espaços externos apresentam bancos e mobiliário pontual distribuídos próximo às circulações e áreas verdes. De modo geral, a configuração do campus evidencia uma organização funcional marcada pela setorização dos ambientes acadêmicos e pela articulação entre áreas abertas, percursos de circulação e espaços coletivos utilizados cotidianamente pela comunidade escolar.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

5.2 Permanência e Apropriação dos Espaços

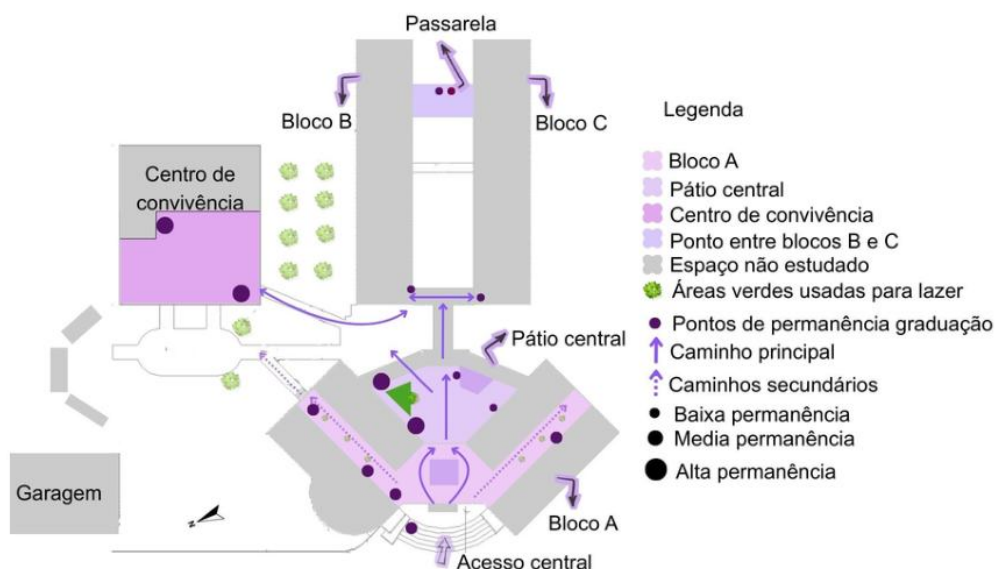
Ao analisar os espaços coletivos do IFRO – Campus Vilhena, observa-se que grande parte das áreas externas funciona predominantemente como ambiente de circulação, com permanências concentradas em pontos específicos. Os percursos entre os blocos estruturam a dinâmica cotidiana dos usuários, enquanto os espaços de convivência apresentam ocupações mais intensas nos períodos de intervalo e permanência entre aulas.

O pátio central destaca-se como principal articulador do conjunto, concentrando fluxos provenientes dos diferentes blocos acadêmicos. Apesar de sua amplitude e localização estratégica, a ausência de mobiliário diversificado e de sombreamento contínuo limita a permanência prolongada, fazendo com que o espaço seja utilizado majoritariamente como área de passagem e apoio temporário às atividades institucionais. As áreas externas gramadas localizadas entre os blocos são frequentemente apropriadas de maneira informal pelos estudantes, especialmente nos períodos de descanso e socialização. Essas ocupações espontâneas evidenciam tentativas de adaptação às condições existentes,

utilizando sombras pontuais, muretas, escadas e áreas verdes como suportes alternativos de permanência. Nos Blocos B e C, os percursos lineares são marcados pela presença de bancos simples distribuídos ao longo das circulações, favorecendo permanências rápidas e encontros transitórios, enquanto áreas residuais — como o espaço sob escadas e setores laterais dos corredores — passam a ser apropriadas informalmente ao longo da rotina acadêmica.

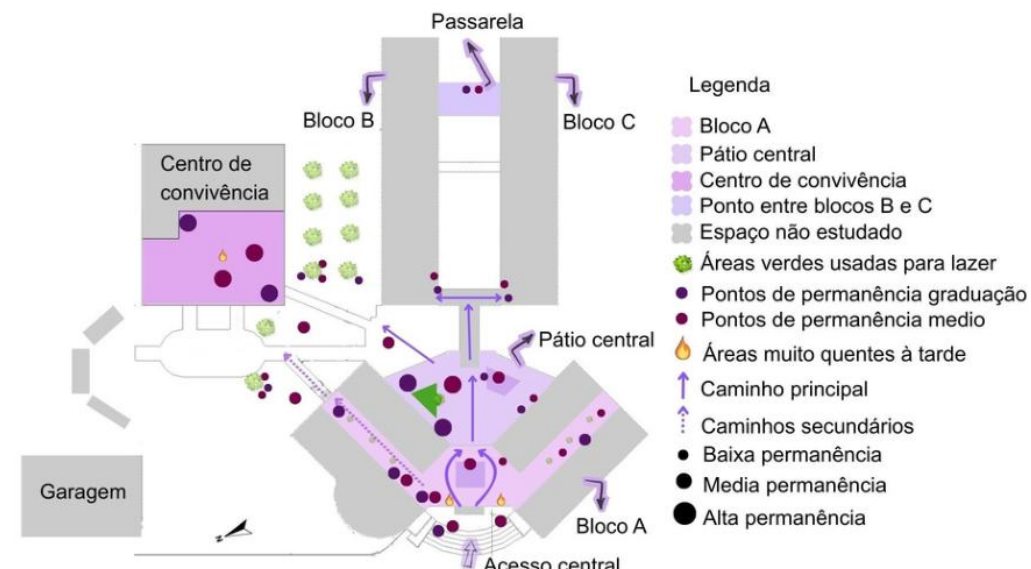
Com maior intensidade de uso, o centro de convivência configura-se como o ambiente de maior permanência coletiva do campus, concentrando atividades de estudo, alimentação, espera e socialização — especialmente entre os alunos da graduação no período noturno. A presença de mesas coletivas, jogos e armários compartilhados favorece usos simultâneos e formas diversificadas de ocupação cotidiana. Mesmo diante das limitações de infraestrutura e conforto ambiental, os usuários desenvolvem estratégias de apropriação capazes de transformar determinados espaços em locais de encontro e convivência, o que ficou evidenciado nas observações realizadas ao longo da pesquisa.

Figura 15 – Mapa 2: Síntese de permanência e circulação dos alunos da graduação



Fonte: Souza (2026).

Figura 16 – Mapa 3: Análise geral de uso e permanência (Ensino Médio + Graduação)



Fonte: Souza (2026).

5.3 Diagnóstico Afetivo e Sensorial do Espaço Educacional

Com base nas observações de campo e na análise dos padrões de uso, o IFRO – *Campus Vilhena* constitui um ambiente marcado pela predominância funcional e pela racionalização espacial característica das edificações padronizadas da Rede Federal. Embora a organização dos blocos favoreça a clareza dos percursos e o funcionamento institucional, muitos espaços coletivos apresentam reduzida diversidade sensorial e limitada qualificação para permanências prolongadas.

A predominância de materiais frios, superfícies homogêneas e cores neutras contribui para uma ambiência predominantemente utilitária, com poucos elementos capazes de estimular experiências espaciais mais acolhedoras e diversificadas. Em diversos setores, especialmente nas áreas de circulação e permanência externa, a ausência de sombreamento contínuo, mobiliário adequado e integração mais ampla com a vegetação interfere diretamente na qualidade ambiental percebida pelos usuários. As visitas de campo revelaram que as áreas externas funcionam majoritariamente como espaços de passagem, com permanências pontuais concentradas nos períodos de intervalo.

A carência de infraestrutura voltada à convivência reduz as possibilidades de ocupação contínua dos espaços abertos, reforçando o caráter transitório de determinados setores. Em contraste, o centro de convivência destaca-se como o principal ambiente de apropriação coletiva, concentrando atividades de estudo, socialização e permanência no período noturno.

Apesar das limitações identificadas, a própria comunidade acadêmica demonstra iniciativas espontâneas de apropriação, murais, decorações temáticas, plantas ornamentais e ocupações informais de áreas sombreadas, revelando a necessidade dos usuários de estabelecer relações de pertencimento com o ambiente acadêmico. Essa dinâmica aproxima-se da compreensão proposta por Yi-Fu Tuan, para quem o espaço transforma-se em lugar à medida que passa a ser vivido, apropriado e significado pelos indivíduos. Assim, as práticas cotidianas observadas no campus revelam que a construção da afetividade espacial não depende exclusivamente da configuração física do ambiente, mas também das relações sociais, das experiências e das formas de uso desenvolvidas pelos próprios usuários.

Tabela 1: Aspectos técnicos físicos e ambientais por setor

ASPECTOS TÉCNICOS (Físicos e Ambientais)					
Setor	Iluminação	Ventilação / Conforto térmico	Mobiliário	Elementos visuais e ambiência	Acessibilidade
Bloco A / Corredores	Natural pela manhã e artificial à noite; boa incidência pelas abóbadas e fachada de vidro.	Parcial conforto térmico; aquecimento entre 15h–17h devido à insolação da fachada.	Cadeiras nos corredores utilizadas como apoio.	Canteiros centrais, exposições temporárias e decorações festivas; materiais frios e percepção de neutralidade.	Adequada: rampa de acesso e elevador para pavimento superior.
Pátio Central	Iluminação natural contínua.	Ventilação leve; ambiente geralmente agradável.	Ausente.	Espaço amplo, cores neutras, pilares aparentes, muretas vermelhas e vegetação.	Parcial: rampa inadequada; escada adequada.
Centro de Convivência	Predomínio de iluminação artificial; luz natural não alcança o centro do espaço.	Parcial; necessidade de ventiladores, com desconforto térmico quando lotado.	Mesas para refeições e estudo; poucas tomadas; presença pontual de plantas.	Murais nos brises, cores neutras (bege), poucos estímulos sensoriais.	Em nível da calçada, porém sem cobertura e com alagamentos em dias chuvosos.
Áreas Verdes	Iluminação natural abundante.	Bom conforto térmico pela sombra das árvores e ventilação natural.	Bancos estreitos distribuídos junto às árvores.	Vegetação predominante, grama e bancos; ambiência natural.	Parcial: desnível entre calçada e gramado.

Fonte: Organização da autora com base em levantamento de campo (2025).

5.4 Síntese Analítica e Perspectivas do Estudo

O percurso analítico desenvolvido ao longo da pesquisa permitiu compreender de forma mais ampla a relação entre espaço, permanência e experiência cotidiana no IFRO – *Campus Vilhena*. As observações evidenciaram que, embora o campus apresente organização funcional coerente e atenda às demandas operacionais da rotina educacional, muitos espaços coletivos ainda possuem limitações relacionadas ao conforto ambiental, à diversidade sensorial e às possibilidades de apropriação cotidiana.

A configuração linear dos blocos, associada à predominância de áreas circulatórias e à presença pontual de mobiliário e vegetação, contribui para uma dinâmica espacial marcada por permanências temporárias e usos predominantemente funcionais. Ainda assim, as apropriações espontâneas observadas ao longo do campus demonstram a capacidade dos usuários de estabelecer relações de pertencimento e transformar determinados espaços em ambientes de convivência e socialização.

A comparação com o SESC Pompéia evidencia diferenças significativas na forma como circulação, permanência e espaços coletivos são organizados e apropriados. Enquanto o projeto de Lina Bo Bardi valoriza flexibilidade espacial, diversidade de usos e integração entre convivência e permanência, o IFRO apresenta predominância de soluções voltadas à racionalização funcional e à setorização dos ambientes acadêmicos. Diante desse cenário, os resultados obtidos reforçam o potencial de requalificação dos espaços coletivos do campus por meio de estratégias voltadas à escala humana, à ampliação das permanências e à qualificação da experiência cotidiana dos usuários.

Essas análises fundamentam a construção das diretrizes projetuais apresentadas nas etapas seguintes da pesquisa, orientadas pela valorização da permanência, da experiência sensorial e da dimensão coletiva do espaço arquitetônico.

Tabela 2: Síntese técnica comparativa dos estudos de caso

Síntese técnica comparativa dos estudos de caso			
Aspectos de análise	IFRO – <i>Campus Vilhena</i>	Sesc Pompeia – Lina Bo Bardi	Lições e aplicações ao IFRO
Iluminação natural	Iluminação natural irregular e frequente dependência de iluminação artificial nos espaços de permanência.	Grandes vãos, sheds e aberturas superiores promovem iluminação difusa e integrada aos espaços coletivos.	Claraboias, brises e ampliação de aberturas para qualificação da iluminação natural.
Ventilação e conforto térmico	Ventilação natural limitada, com dependência de climatização artificial e consequente desconforto acústico.	Ventilação cruzada e massa térmica do concreto garantem conforto térmico natural nos espaços.	Ventilação cruzada, elementos vazados, sombreamento vegetal e estratégias passivas de conforto térmico.
Vegetação e natureza	Vegetação pontual e sem integração paisagística contínua entre blocos e áreas de convivência.	Vegetação e pátios como elementos estruturais, integrando arquitetura e natureza nos espaços coletivos.	Arborização estratégica, canteiros contínuos e jardins sombreados como elementos de permanência e conforto.
Mobiliário e permanência	Mobiliário escasso e concentrado, favorecendo apenas permanências rápidas e usos de espera.	Mobiliário diverso e flexível, incentivando permanência prolongada e encontros espontâneos.	Bancos modulares, mesas coletivas e mobiliário móvel para múltiplos usos e permanência prolongada.
Adaptabilidade e uso do espaço	Espaços de uso predefinido e baixa flexibilidade de reconfiguração pelos usuários.	Espaços amplos e abertos, permitindo usos simultâneos e apropriações não programadas.	Mobiliário modular e áreas flexíveis para estimular a apropriação espontânea dos espaços.
Escala humana e ambiência	Escala institucional e neutralidade formal com baixa diversidade sensorial.	Escala humana, materiais expressivos e variações espaciais criam atmosferas acolhedoras.	Cores, texturas, materiais naturais e variações de luz e sombra para adequação da escala humana.
Sustentabilidade e reuso	Uso intensivo de sistemas artificiais e ausência de estratégias de sustentabilidade ambiental.	Reuso da edificação existente e soluções passivas como estratégias de desempenho ambiental.	Reuso, captação de águas pluviais e sombreamento vegetal como estratégias ambientais passivas.

Fonte: Organização da autora com base em levantamento de campo (2025).

6. ANÁLISE DOS DADOS

A aplicação dos banners participativos revelou um campus que pesa sobre quem o habita. Desconforto térmico, ausência de mobiliário, falta de espaços de descanso e sobrecarga emocional aparecem de forma recorrente nas respostas, mas o que os dados também revelam é que os usuários não rejeitam o espaço: eles pedem condições mínimas para habitá-lo com qualidade. As diretrizes a seguir partem dessas demandas, tratando cada ambiente a partir de suas particularidades de uso, escala e apropriação.



6.1 Categorização Geral das Respostas

A primeira etapa da análise reuniu todas as respostas coletadas nas três dimensões principais da pesquisa, emocional, física e espacial, além de uma categoria complementar para registros de natureza diversa. O que essa distribuição revela, antes de qualquer detalhe, é que os usuários percebem o espaço de forma integrada: o corpo, as emoções e o ambiente físico não aparecem separados nas falas, mas entrelaçados.

Do lado emocional concentrou o maior volume de respostas, 69 ocorrências no total, com termos que oscilam entre ansiedade, estresse e insegurança de um lado, e tranquilidade, bem-estar e pertencimento de outro. A predominância do desconforto psicológico é significativa: indica que as condições do campus não são vividas apenas como inconvenientes práticos, mas como algo que pesa sobre quem o habita cotidianamente. No campo espacial, com 32 ocorrências, apontou falhas na organização e no aproveitamento dos ambientes, ausência de áreas de permanência, problemas de circulação e subutilização de espaços com potencial. Já as queixas físicas, com 38 ocorrências, reuniram reclamações recorrentes sobre calor, ventilação insuficiente, ruído e falta de mobiliário adequado.

Lidos em conjunto, esses dados estão alinhados ao referencial teórico, que compreende o ambiente construído como um sistema integrado no qual fatores físicos e espaciais influenciam diretamente a experiência emocional dos indivíduos. A análise confirma que a qualidade do espaço não pode ser avaliada apenas por critérios técnicos: a percepção e a vivência dos usuários são dimensões igualmente determinantes.

Tabela 3 — Categorias emocional, físico, espacial: geral.

TABELA DE CATEGORIAS (emocional, físico, espacial) - GERAL			
Categoria	Quant.	Palavras / Expressões identificadas	Interpretação
Emocional	69	ansiedade, estresse, pressão, tristeza, desânimo, tédio, insegurança, opressão, sofrimento, irritação, falta de foco, conflitos, felicidade, tranquilidade, bem-estar	Predominância de emoções negativas — desconforto psicológico, tensão social e sensação de opressão —, com vínculos afetivos positivos pontuais e potencial de pertencimento.
Físico	38	calor, ventilação, ruído, cheiro, alimentação, cansaço, sono, dor de cabeça, iluminação, mobiliário, conforto	Carências de conforto ambiental e físico: temperatura, acústica, qualidade do ar, mobiliário e necessidades fisiológicas básicas não atendidas.
Espacial	32	desconforto, pouco uso do espaço, falta de mobiliário, sombra/cobertura, ventilação, espaço para descanso, acessibilidade, circulação, lazer, infraestrutura	Falhas na organização e qualidade do espaço: ausência de áreas de permanência, problemas de circulação, subutilização e necessidade de requalificação.
Outros	25	celular, intervalo, auditório, maquininha	Usos complementares e dinâmicas cotidianas do espaço.

Fonte: Souza (2026).

6.2 Frequência das Categorias

A análise de frequência identifica quais aspectos são mais recorrentes nas respostas, permitindo visualizar as demandas mais urgentes no contexto analisado. As emoções negativas lideram com 26 ocorrências, seguidas pelas necessidades de alimentação e descanso, ambas com 18. O conforto térmico aparece com 14 registros e a funcionalidade dos espaços com 12.

Essa combinação, emoções negativas associadas a condições físicas inadequadas, não é casual. Ela sugere uma relação direta entre o ambiente e o bem-estar dos usuários: quando o espaço não oferece o mínimo de conforto, o custo emocional de habitá-lo aumenta. Conforme o referencial teórico, condições insatisfatórias de conforto ambiental comprometem não apenas a permanência, mas a qualidade das próprias atividades realizadas nesses espaços.

Os dados revelam ainda a amplitude e diversidade das demandas, que vão das necessidades mais elementares, fisiológicas, como fome e cansaço, até expressões de pertencimento, lazer e participação social. As necessidades de conforto ambiental, mobiliário e alimentação concentram as ocorrências mais diretas, indicando que os ambientes não oferecem condições mínimas de permanência qualificada. Ao mesmo tempo, manifestações de pertencimento e expressão lúdica revelam que os usuários mantêm vínculos simbólicos com o espaço mesmo diante das deficiências existentes, e que a ausência dessas condições limita a apropriação do espaço sem, entretanto, apagar completamente o potencial afetivo que já existe.

Tabela 4 — Frequência agrupada.

FREQUÊNCIA AGRUPADA			
Categoria	Frequência	Categoria	Frequência
Alimentação	18	Acessibilidade e circulação	8
Descanso	18	Lazer	7
Conforto térmico	14	Qualidade ambiental	7
Conforto físico	11	Expressão social/política	5
Ruído	10	Expressão afetiva / pertencimento	7
Emocional negativo	26	Humor / apropriação lúdica	3
Social / convivência	9	Emoções positivas	16
Uso e funcionalidade	12	Outros extremos emocionais	6
Infraestrutura	8		

Fonte: Souza (2026).

6.3 Necessidades Recorrentes dos Usuários

Com base nas categorias e frequências identificadas, foi possível mapear com maior precisão o que os usuários expressaram como necessidade ao longo da pesquisa. Mais do que listar problemas, os registros revelaram uma surpreendente disposição propositiva: os usuários não apenas descrevem o que falta, mas imaginam o que poderia existir.

Quadro 2— Necessidades recorrentes dos usuários: geral.

NECESSIDADES RECORRENTES DOS USUÁRIOS - GERAL		
Tipo de necessidade	Exemplos identificados	Origem (dados dos banners)
Fisiológicas	fome, sono, cansaço, dor de cabeça, descanso	"fome", "cansado", "sono", "exausto", "dor de cabeça"
Conforto ambiental	calor, abafamento, ventilação, odores, ruído, sombra	"calor", "abafado", "ar em todos os lugares", "melhorar o cheiro"
Conforto físico (mobiliário)	sentar, deitar, permanecer, descanso físico	"lugar para sentar", "mais bancos", "puffs", "sofá", "redes"
Alimentação	acesso à comida, custo, oferta	"comida cara", "comida grátis"
Psicológicas / emocionais	ansiedade, estresse, tristeza, irritação, desconforto	"ansiedade", "estresse", "tristeza", "inferno", "desestabilizador"
Segurança emocional	insegurança, pressão, conflitos sociais	"insegurança", "pressão", "crise de pânico", "pessoas sem noção"
Sociais	convivência, interação, permanência coletiva	"falar com amigos", "socializar", "lugar para ficar no intervalo"
Pertencimento / acolhimento	vínculo, identidade, apropriação simbólica	"segunda casa", "amo esse lugar", "pelé esteve aqui"
Uso e funcionalidade	espaços ociosos, uso inadequado	"muito espaço e pouco uso", "liberar o auditório", "contraturno"
Lazer e descanso	recreação, distração, descanso mental	"jogos", "truco", "música", "área para mexer no celular"
Infraestrutura	suporte físico e tecnológico	"tomadas", "carregador", "wi-fi"
Qualidade espacial	melhoria geral do ambiente	"melhorar o campus", "mais acessível"
Conforto físico ambiental (técnico)	conforto térmico, acústico e lumínico	"calor", "climatizado", "muito ruído"
Acessibilidade e circulação	acesso, deslocamento e fluxos	"acesso aos alunos", "mais acessível"
Expressão social	manifestações políticas e sociais	"liberdade de gênero", "direitos ao proletariado"
Expressão lúdica / humor	brincadeiras e apropriação simbólica	"casa da pipoca", "pinto congelado"

Fonte: Souza (2026).

Fome e cansaço aparecem com frequência desarmante, como se o campus exigisse mais do corpo do que oferece em retorno. Ao lado dessas necessidades fisiológicas básicas, emergem demandas de conforto ambiental, calor, ventilação, ruído, odores, carências de mobiliário para sentar, deitar e permanecer, é uma necessidade persistente de acesso a alimentação de qualidade e custo acessível. No campo psicológico e emocional, as respostas evidenciam ansiedade, estresse, insegurança e conflitos sociais, enquanto no campo coletivo aparecem pedidos por convivência, permanência e socialização.

Há também demandas por lazer, infraestrutura tecnológica, acessibilidade e qualidade espacial geral e, de forma expressiva, manifestações de pertencimento e usos lúdicos que revelam o quanto os usuários gostariam de sentir esse espaço como seu.

Esse comportamento propositivo não é periférico à análise: ele sinaliza as lacunas da configuração atual e, ao mesmo tempo, aponta caminhos concretos para a requalificação dos espaços. Conforme o referencial teórico, a presença de mobiliário adequado e de condições de conforto é condição fundamental para promover a apropriação do espaço e possibilitar diferentes formas de uso.

6.4 Análise Quantitativa por Espaço

Antes de apresentar os resultados por ambiente, vale explicar como os dados foram tratados. O volume de respostas coletadas nos banners exigiu um processo de triagem: termos com significados aproximados foram unificados em categorias mais amplas, registros sem relação direta com o espaço foram desconsiderados, e manifestações de baixa frequência foram mantidas apenas quando apresentavam alto valor qualitativo — como expressões associadas a sofrimento psicológico ou desconforto extremo. Esse processo garantiu que a análise refletisse, de forma consistente, as demandas efetivamente relevantes para o projeto.

Tabela 5 — Análise quantitativa das categorias por espaço.

Análise Quantitativa das Categorias por Espaço				
Espaço	Física	Emocional	Espacial	Outros
Pátio central	6	18	3	5
Centro de convivência	6	20	5	6
Área verde	4	3	0	2
Bloco A	22	28	24	12
Total	38	69	32	25

Fonte: Souza (2026).

Com os dados consolidados, a leitura por espaço revela experiências distintas. O Bloco A concentra a maior carga em todas as dimensões simultaneamente, 28 ocorrências emocionais, 24 espaciais, 22 físicas e 14 de outras naturezas, configurando um ambiente onde as deficiências se sobrepõem e se reforçam. O Centro de Convivência chama atenção pelo volume emocional desproporcional mesmo com registros físicos e espaciais relativamente menores, indicando que o impacto subjetivo do espaço vai além do que a análise técnica consegue capturar.

O Pátio Central apresenta distribuição mais equilibrada, com problemas difusos entre as categorias, enquanto a Área Verde registra os menores números absolutos, não por qualidade, mas por baixa permanência e uso insuficiente. Essa variação confirma que as deficiências do campus não são homogêneas, demandando respostas projetuais diferenciadas para cada ambiente.



6.5 Análise Qualitativa por Espaço

Complementando a análise quantitativa, a Tabela 6 aprofunda a leitura com a categorização qualitativa das respostas por espaço, detalhando expressões identificadas e sua interpretação analítica. Um esquema síntese em formato de mapa mental permite, ainda, uma leitura visual rápida da distribuição dos dados, evidenciando a predominância de determinadas dimensões em cada ambiente.

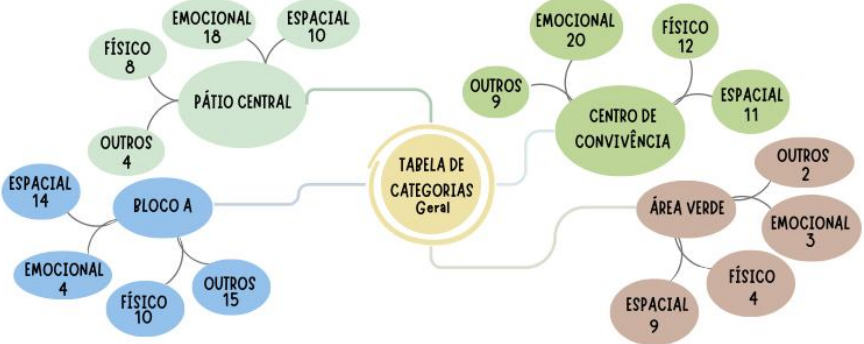
A disparidade entre o Bloco A e os demais espaços torna-se imediatamente perceptível, evidenciando a concentração de problemas nesse ambiente e o contraste com a Área Verde, cujos baixos índices refletem ausência de uso, não qualidade. A partir dessa leitura, cada espaço é analisado individualmente a seguir, considerando não apenas os dados mais recorrentes, mas também as manifestações de maior intensidade qualitativa aquelas que, mesmo pontuais, revelam dimensões da experiência que os números sozinhos não alcançam.

Tabela 6 — Categorias emocional, físico, espacial por espaço.

TABELA DE CATEGORIAS (emocional, físico, espacial)				
Espaço	Categoria	Quant.	Palavras / Expressões	Interpretação
PÁTIO CENTRAL	Emocional	18	insegurança, tristeza, sofrimento, opressão, ansiedade, pressão	Forte carga negativa: desconforto psicológico e sensação de opressão
	Físico	6	fome, cansaço, desconforto, insônia, calor	Ausência de conforto térmico e suporte às necessidades básicas
	Espacial	10	pouco utilizado, falta de assentos, ausência de cobertura	Subutilização e falta de estrutura para permanência
	Outros	4	conversar, socializar, falar com amigos, uso social	Potencial de uso social, apesar dos problemas
CENTRO DE CONVIVÊNCIA	Emocional	20	depressão, tristeza, ansiedade, estresse, felicidade, animação	Ambiguidade emocional: uso intenso, porém desgastante
	Físico	12	fome, cansaço, dor de cabeça, calor, abafado, desconforto	Sobrecarga física e desconforto ambiental
	Espacial	11	necessidade de mobiliário, ventilação, espaço de descanso	Carência de estrutura adequada para permanência
	Outros	9	celular, sair do IFRO, comportamento, estudo/foco	Uso cotidiano e dispersão
ÁREA VERDE	Emocional	3	estresse, tristeza	Presença de incômodos, mas menor carga negativa, ambiente mais equilibrado
	Físico	4	ruído, calor, pouca iluminação	Problemas ambientais que interferem no uso
	Espacial	0	lazer, convivência, estudos, ping-pong, bancos	Alto potencial de uso e permanência
	Outros	2	alimentação	Uso complementar
BLOCO A	Emocional	28	conflitos sociais, críticas, expressões sociais	Tensões sociais e posicionamentos coletivos
	Físico	10	comida, calor, barulho, cheiro	Forte demanda por conforto e alimentação
	Espacial	14	acessibilidade, circulação, descanso, mobiliário, auditório	Necessidades práticas e funcionais bem definidas
	Outros	15	cultura, humor, opinião, referências (Neymar, Pelé), gestão	Forte identidade cultural e uso simbólico do espaço

Fonte: Souza (2026).

Figura 17 — Mapa mental: distribuição de categorias por espaço.



Fonte: Souza (2026).

Bloco A

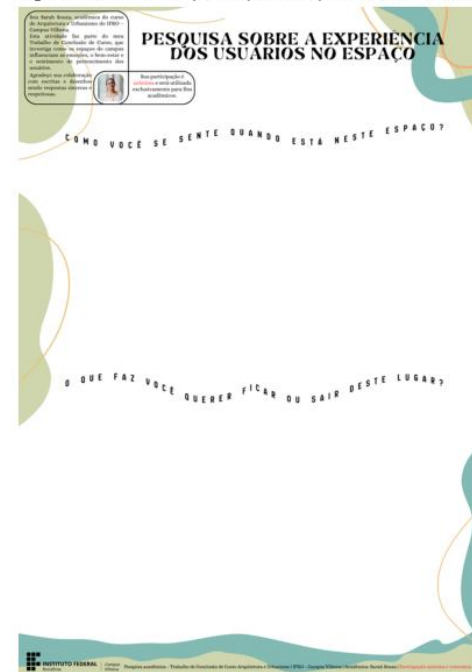
O Bloco A é, ao mesmo tempo, o espaço mais problemático e o mais vivo do campus. As condições ambientais foram amplamente apontadas como inadequadas, com destaque para calor excessivo, ruído, mau cheiro, ventilação insuficiente e ausência de mobiliário adequado, fatores que configuram um cenário de desconforto contínuo que compromete a permanência e a qualidade de uso do espaço.

No campo emocional, predominaram registros associados a tensões sociais, conflitos coletivos e sensações de opressão e confinamento, evidenciando que as deficiências físicas do ambiente não se restringem ao plano técnico, mas reverberam diretamente na experiência psicológica de quem o utiliza. Essa sobreposição confirma a compreensão de que o espaço arquitetônico atua como mediador ativo das experiências humanas. Conforme aponta Juhani Pallasmaa, a arquitetura é percebida de forma multissensorial, sendo capaz de influenciar emoções a partir de suas qualidades materiais e espaciais.

Apesar desse quadro crítico, os dados revelam uma dimensão que tensiona essa leitura: a intensa apropriação cultural e simbólica do espaço. Referências culturais, expressões de humor, manifestações coletivas e iniciativas espontâneas de personalização aparecem de forma recorrente, com ocorrências na categoria "outros", indicando que os usuários constroem vínculos identitários com o bloco mesmo diante de suas limitações.

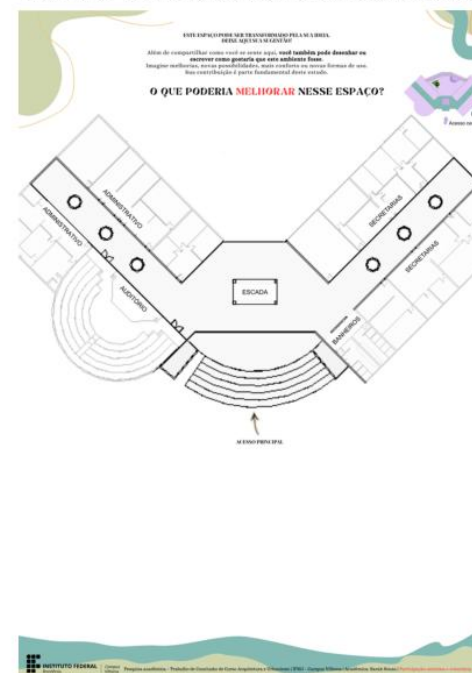
Essa dualidade evidencia que o Bloco A não é apenas um espaço problemático, mas também um lugar carregado de significado. Aproxima-se, nesse sentido, da noção proposta por Yi-Fu Tuan, segundo a qual o espaço adquire valor a partir da experiência vivida. Intervir aqui implica, portanto, não apenas resolver inadequações físicas, mas reconhecer, preservar e potencializar os vínculos já estabelecidos entre os usuários e o espaço.

Figura 18– Banner participativo aplicado no Bloco A.



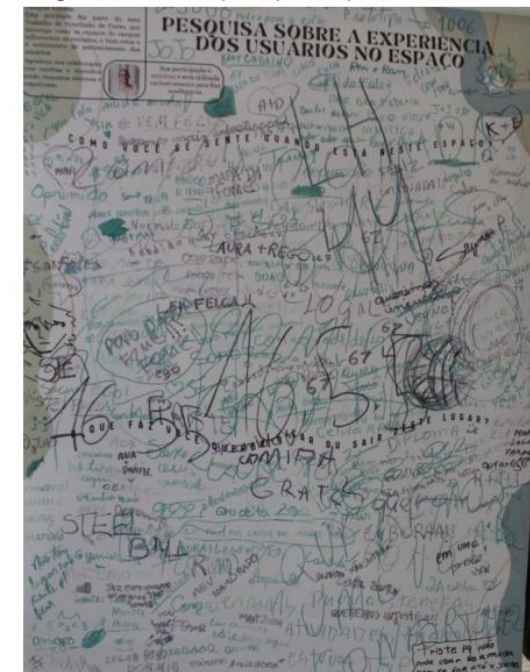
Fonte: Souza (2026).

Figura 20– Banner participativo aplicado no Bloco A.



Fonte: Souza (2026).

Figura 19 – Banner participativo aplicado no Bloco A.



Fonte: Souza (2026).

Figura 21– Banner participativo aplicado no Bloco A.



Fonte: Souza (2026).

Pátio Central

O Pátio Central apresentou a maior carga emocional negativa entre os espaços analisados. Insegurança, sofrimento e sensação de opressão predominam nas respostas, com palavras como "oprimido", "cansado", "triste" e "preso" aparecendo com regularidade que não pode ser ignorada. Essa experiência está diretamente associada às condições físicas do ambiente, especialmente à ausência de cobertura, mobiliário e sombreamento, fatores que comprometem o conforto térmico e intensificam sensações de calor e cansaço. Com ocorrências físicas e espaciais, o perfil do Pátio Central é marcado por um desconforto que atravessa as duas dimensões de forma integrada.

Do ponto de vista espacial, destaca-se a recorrente percepção de subutilização. Embora o espaço possua amplitude e posição estratégica no campus, essas características não são percebidas como qualidades, mas como um vazio funcional, um local que, em vez de promover permanência e convivência, restringe-se majoritariamente à função de passagem. Os apontamentos dos usuários são precisos nesse sentido: há diversas sugestões de inserção de mobiliário, áreas de descanso, cobertura e usos complementares, evidenciando que o problema não está na falta de potencial, mas na ausência de estrutura que convide à permanência.

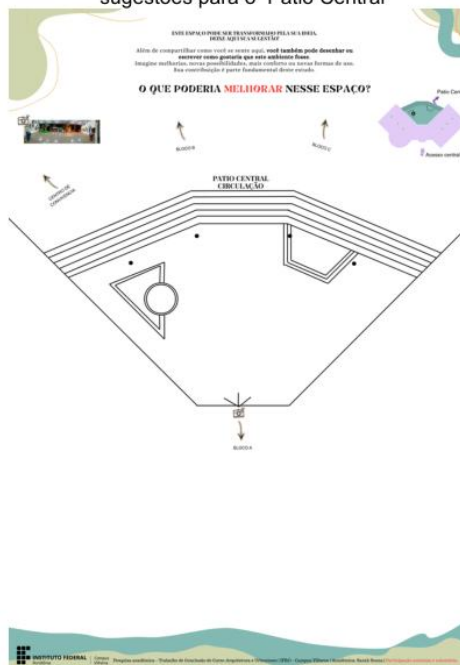
Esse cenário evidencia uma contradição significativa entre o potencial coletivo do espaço e a experiência efetivamente vivenciada. Conforme aponta Herman Hertzberger, a qualidade dos ambientes coletivos está diretamente relacionada às possibilidades de escolha, permanência e interação, aspectos claramente limitados no caso analisado. Apesar disso, os registros de uso social espontâneo, conversas, encontros informais, socialização, revelam uma tentativa ativa de apropriação por parte dos usuários mesmo diante de condições adversas, reforçando o potencial latente do espaço e sugerindo que intervenções pontuais poderiam ser suficientes para transformar o Pátio Central em um ambiente de pertencimento e convivência qualificada.

Figura 22– Banner participativo aplicado no Pátio Central



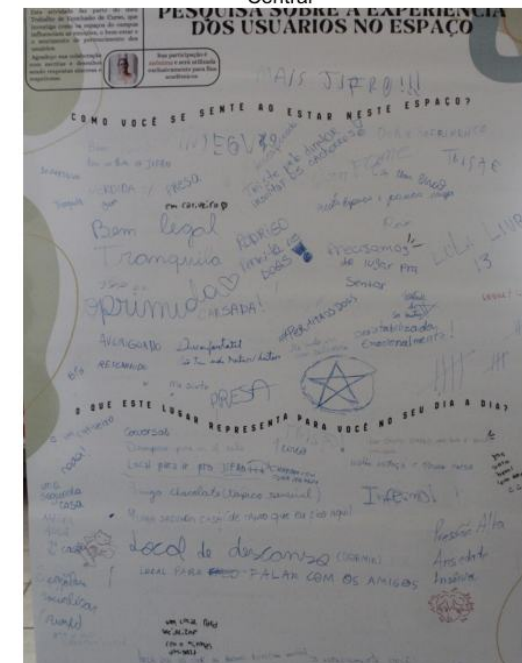
Fonte: Souza (2026).

Figura 24 – Mapa colaborativo de percepções e sugestões para o Pátio Central



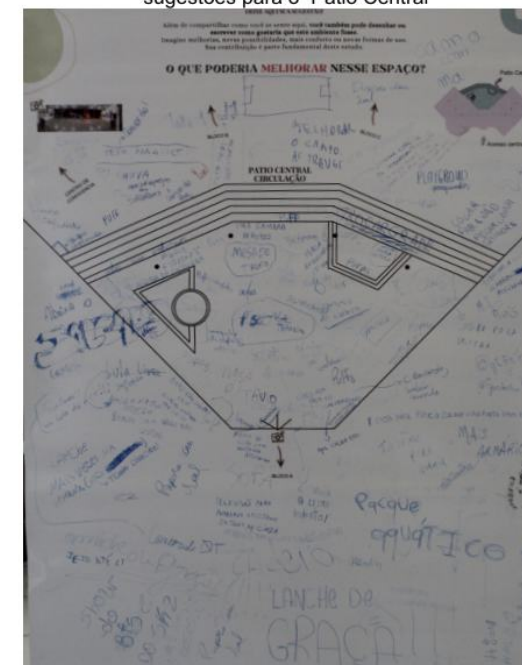
Fonte: Souza (2026).

Figura 23– Banner participativo aplicado no Pátio Central



Fonte: Souza (2026).

Figura 25 – Mapa colaborativo de percepções e sugestões para o Pátio Central



Fonte: Souza (2026).

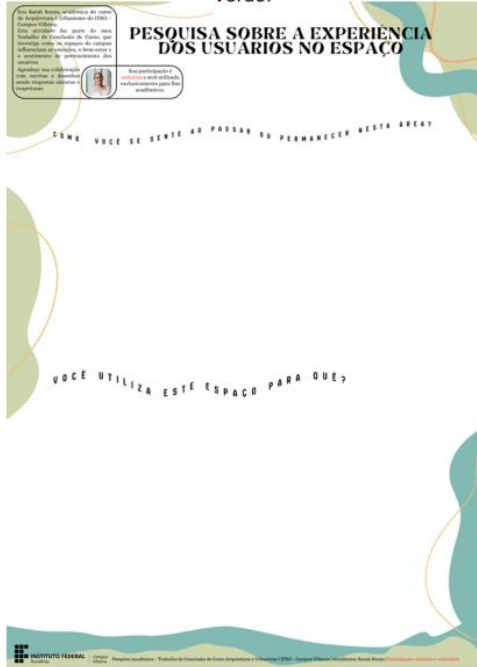
Área Verde

A Área Verde apresentou o perfil mais equilibrado entre os espaços analisados, com a menor carga emocional negativa, e maior incidência de registros positivos. Esse resultado, entretanto, não deve ser interpretado como indicativo de qualidade, é reflexo de uma baixa permanência. O espaço é pouco utilizado, principalmente devido à ausência de infraestrutura básica, sombreamento adequado, mobiliário e iluminação noturna, que o torna inóspito em boa parte do dia.

O que chama atenção é que, quando os usuários imaginam esse espaço, eles o imaginam com vida. As ocorrências espaciais concentram-se justamente em possibilidades de uso, lazer, convivência, estudos ao ar livre, ping-pong, bancos, enquanto as sugestões incluem áreas de descanso e equipamentos de uso coletivo. As limitações identificadas, ruído proveniente de áreas adjacentes, calor em períodos de maior insolação e baixa iluminação no período noturno, configuram barreiras ao uso, mas são passíveis de resolução por meio de intervenções pontuais.

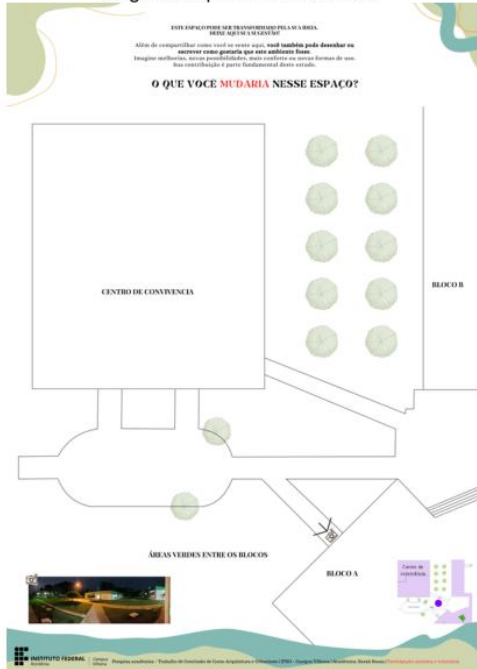
Conforme Christian Norberg-Schulz, os ambientes possuem um caráter próprio que influencia sua forma de apropriação; aqui, esse caráter, marcado pela presença de vegetação, ventilação natural e menor densidade de uso, é percebido de forma positiva pelos usuários, conferindo à Área Verde uma atmosfera mais acolhedora em comparação aos demais espaços do campus. Com investimentos relativamente simples em mobiliário, sombreamento e iluminação, esse potencial pode se tornar concreto.

Figura 26 – Banner participativo aplicado na Área Verde.



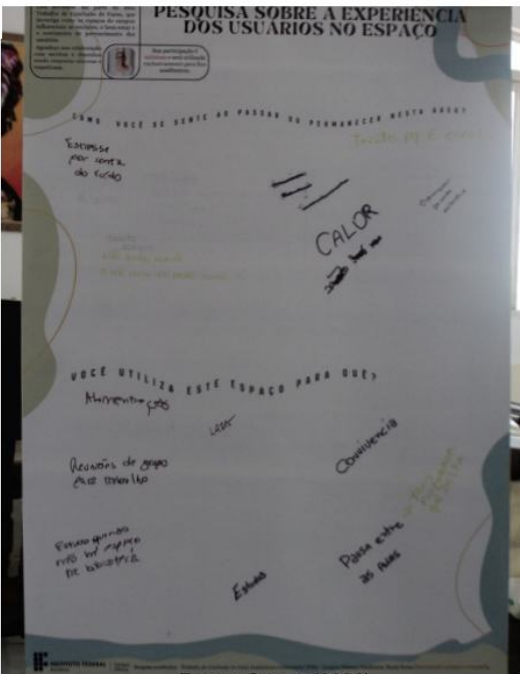
Fonte: Souza (2026).

Figura 28 – Mapa colaborativo de percepções e sugestões para a Área Verde.



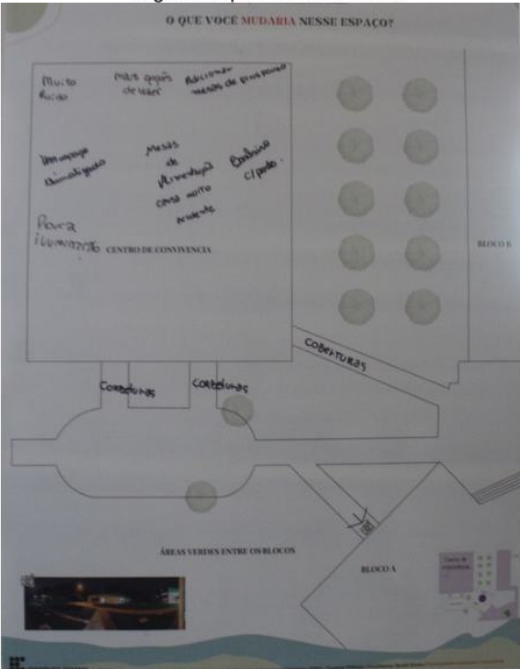
Fonte: Souza (2026).

Figura 27 – Banner participativo aplicado na Área Verde.



Fonte: Souza (2026).

Figura 29 – Mapa colaborativo de percepções e sugestões para a Área Verde.



Fonte: Souza (2026).

Centro de Convivência

O Centro de Convivência apresentou o perfil mais ambíguo entre os espaços analisados. É o ambiente de maior uso espontâneo do campus, especialmente no período noturno, quando concentra atividades de estudo, descanso e convivência, e, ao mesmo tempo, aquele que reúne a maior diversidade de respostas emocionais: 20 ocorrências que oscilam entre depressão, tristeza e ansiedade de um lado, e felicidade e animação de outro. Sentimentos positivos e negativos coexistem, configurando uma experiência marcada pela dualidade, um espaço intensamente apropriado, porém desgastante.

As condições físicas foram amplamente criticadas: com ocorrências, calor excessivo, abafamento, predominância de iluminação artificial, ruído elevado e ausência de mobiliário confortável aparecem de forma recorrente. Essas questões ultrapassam a dimensão técnica e impactam diretamente a qualidade da experiência no espaço, contribuindo para a sobrecarga emocional identificada nas respostas. Conforme aponta Peter Zumthor, a atmosfera arquitetônica exerce papel fundamental na construção das sensações e significados atribuídos ao ambiente; no caso analisado, a ambiência existente, marcada pelo calor, pelo ruído e pela artificialidade da iluminação, reforça uma percepção de desgaste que contrasta com o potencial afetivo já presente.

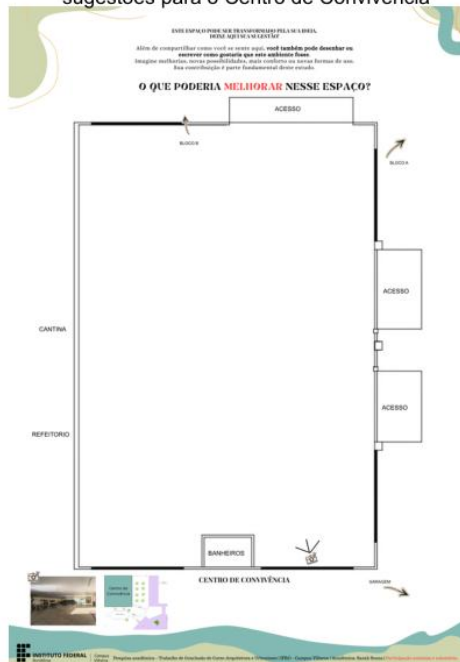
Esse potencial, porém, é real e consolidado. Expressões como "segunda casa" e "amo esse lugar" indicam que o Centro de Convivência é reconhecido como lugar de referência no cotidiano acadêmico, e as críticas, nesse sentido, não representam rejeição, mas uma demanda por qualificação. Como observa Gaston Bachelard, os espaços são depositários das experiências e memórias vividas; intervir no Centro de Convivência significa, portanto, não apenas resolver inadequações físicas, mas potencializar um ambiente que já possui significado e pertencimento para seus usuários.

Figura 30 – Banner participativo aplicado no Centro de Convivência.



Fonte: Souza (2026).

Figura 32 – Mapa colaborativo de percepções e sugestões para o Centro de Convivência



Fonte: Souza (2026).

Figura 31 – Banner participativo aplicado no Centro de Convivência.



Fonte: Souza (2026).

Figura 33 – Mapa colaborativo de percepções e sugestões para o Centro de Convivência



Fonte: Souza (2026).

Para compreender o impacto subjetivo dos ambientes sobre os usuários, todos os sentimentos expressos nas respostas foram classificados em positivos, neutros e negativos. Os números são expressivos: 31 manifestações negativas contra 27 positivas e 11 neutras. A predominância de sentimentos negativos, estresse, opressão, crise de pânico, sensação de abandono e tensão social, indica uma avaliação majoritariamente desfavorável dos espaços analisados.

Categorização dos Sentimentos

Categorização dos Sentimentos	
Categoria	Quantidade
Positivos	27
Neutros	11
Negativos	31



Three circles of decreasing size are shown, representing the values 31, 27, and 11. The circles are colored light green, medium green, and yellow respectively.

Circle Size	Value
Large	31
Medium	27
Small	11

36

Reunindo sentimentos, problemas e desejos por ambiente, a leitura comparativa confirma o Bloco A como o espaço de maior complexidade: concentra a maior variedade de problemas e a maior diversidade de desejos, refletindo a intensidade da experiência negativa relatada, mas também a maior riqueza simbólica e cultural.

Principais Conclusões

Principais Conclusões			
Espaço	Principais sentimentos	Principais problemas	Principais desejos
Centro de Convivência	Cansaço, fome, desânimo, ansiedade, calor, estresse	Falta de conforto, alimentação cara, calor, pouca estrutura de descanso, ruído, pouca iluminação	Redes, puffs, comida mais barata/gratuita, ventilação, climatização, bancos, ping-pong
Pátio Central	Opressão, ansiedade, cansaço; convivência pontual	Falta de cobertura, desconforto, pouco uso qualificado	Áreas de lazer, cobertura, mobiliário, espaços de socialização
Área verde entre blocos	Pouca permanência, Uso passageiro	Falta de mobiliário, Exposição ao sol	Bancos, Mesas, Sombreamento
Bloco A	Cansaço, fome, desânimo, ansiedade, calor, estresse, tristeza, opressão, conflitos sociais	Calor excessivo, pouca ventilação, ruído, mau cheiro, pouca iluminação, falta de cobertura e mobiliário, espaços subutilizados, alimentação insuficiente	Redes, puffs, comida gratuita ou acessível, ventilação, climatização, bancos, mesas, sombreamento, áreas de lazer e socialização

O Centro de Convivência e o Pátio Central apresentam perfis semelhantes, desconforto térmico, falta de mobiliário e sobrecarga emocional, mas com nuances distintas: enquanto o Centro já possui vínculos afetivos consolidados, o Pátio Central ainda registra convivência como aspecto relevante mesmo em condições inadequadas, o que indica um potencial de apropriação que aguarda estrutura para se realizar. A Área Verde, com perfil mais simples, demanda intervenções pontuais para liberar o uso que seus próprios usuários já imaginam para ela.

6.8 Sugestões de Mobiliário

Além de identificar problemas, os usuários propuseram soluções de forma espontânea. As sugestões relacionadas a mobiliário, diretamente vinculadas às necessidades mapeadas anteriormente, evidenciam uma demanda consistente por elementos que favoreçam o conforto e a permanência. Redes e puffs aparecem tanto no Centro de Convivência quanto no Bloco A, sinalizando a necessidade de descanso em espaços de uso intenso. Bancos e arquibancadas são mencionados especialmente para o Pátio Central, enquanto coberturas e sombreamento concentram as sugestões para a Área Verde. No Bloco A, o maior volume de sugestões engloba desde mobiliário fixo até elementos flexíveis e coletivos, refletindo a diversidade de usos e a intensidade da permanência nesse espaço.

Tabela 9

SUGESTÕES DE MOBILIÁRIO							
CENTRO DE CONVIVÊNCIA (CT)		PÁTIO CENTRAL		ÁREA VERDE		BLOCO A	
Sug. de mobiliário	Tipo	Sug. de mobiliário	Tipo	Sug. de mobiliário	Tipo	Sug. de mobiliário	Tipo
redes	descanso	puffs	descanso /estar	cobertura	conforto ambiental	bancos	fixo
puffs	descanso /estar	bancos	permanência			puffs	móvel
sofá	descanso /estar	poltronas	conforto /estar			puff	móvel
cadeiras	permanência	almofadas	conforto			lugar para sentar	coletivo
mesas	apoio/ estudo	redes	descanso			espaço para descanso	flexível
bancos	permanência	arquibancada	permanência /coletivo			lugar para dormir	flexível
espaço para dormir	descanso	mesas	apoio			sala para dormir	flexível
espaço para descanso	descanso	lugar para sentar	permanência			área com puffs	flexível
		espaço para deitar	descanso			mesas	apoio
		lugar para dormir	descanso				

Fonte: Souza (2026).

Esse comportamento propositivo revela a tentativa dos usuários de adaptar o ambiente às próprias necessidades, sinalizando as lacunas existentes com clareza e praticidade. Conforme o referencial teórico, a presença de mobiliário adequado é condição fundamental para promover a apropriação do espaço e possibilitar diferentes formas de uso, e os próprios usuários, ao sugeri-lo, demonstram compreender essa relação de forma intuitiva.

6.9 Conclusões da Análise

A análise integrada dos dados evidencia que as deficiências físico-ambientais e espaciais dos ambientes estudados impactam diretamente a experiência emocional dos usuários. O campus não oferece condições adequadas de permanência, conforto e uso, e os próprios usuários reconhecem isso com clareza, propondo soluções coerentes e aplicáveis em suas respostas.

A predominância de sentimentos negativos como ansiedade, estresse e sensação de opressão confirma a compreensão, presente no referencial teórico, de que a arquitetura atua como mediadora das experiências humanas. Conforme aponta Juhani Pallasmaa, a percepção do espaço ocorre de forma sensorial e integrada, sendo capaz de influenciar o estado emocional dos indivíduos; da mesma forma, Peter Zumthor destaca que a atmosfera arquitetônica é determinante na construção das sensações e significados atribuídos ao ambiente.

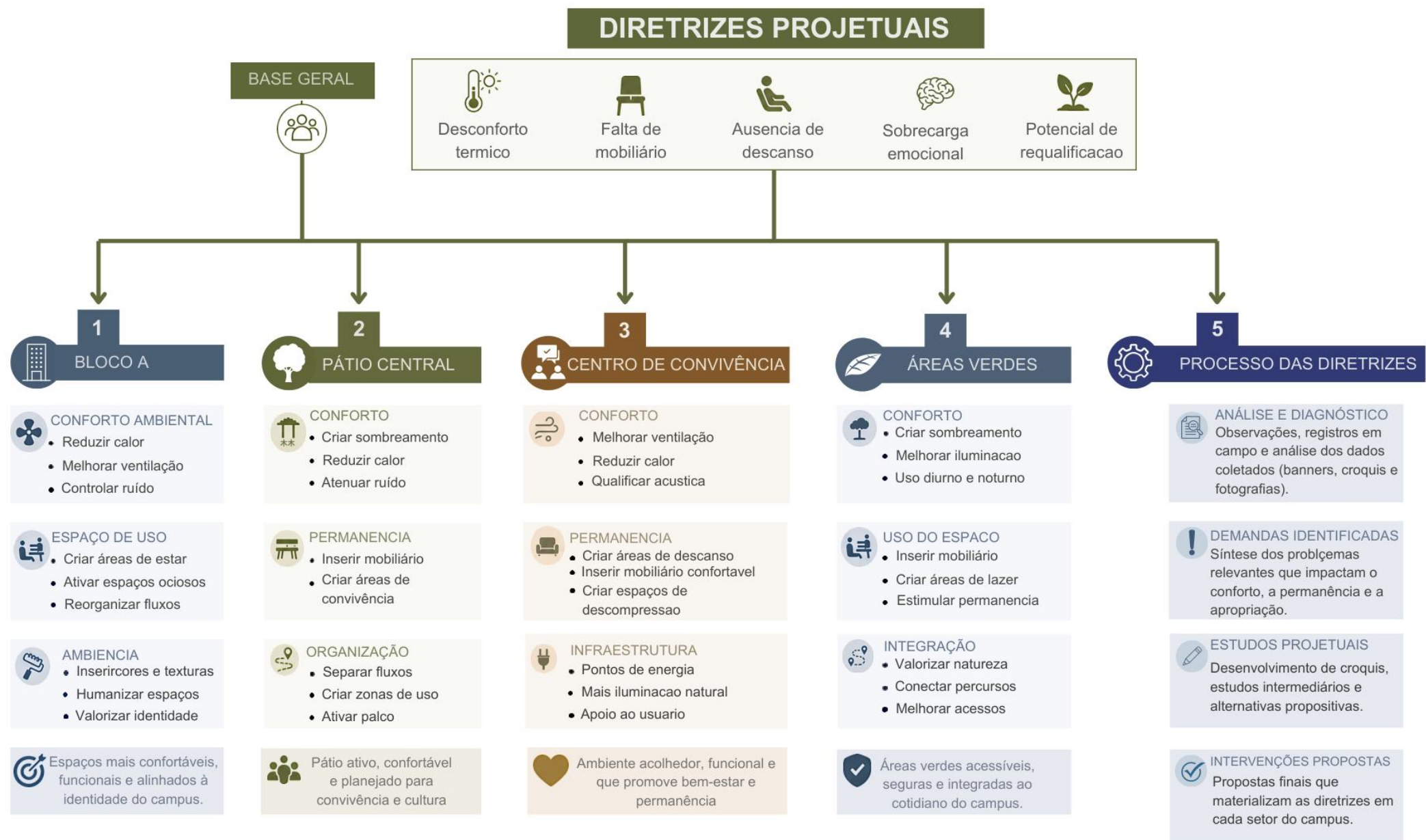
Ao mesmo tempo, a presença de vínculos afetivos, manifestações de pertencimento e expressões lúdicas indica que o potencial de requalificação desses espaços é real. Os usuários não rejeitam o campus: eles demandam condições mínimas para habitá-lo com qualidade. Essa leitura dialoga com Gaston Bachelard, ao compreender o ambiente como depositário de memórias e experiências, e com Yi-Fu Tuan, ao afirmar que o espaço se torna lugar quando é vivido e significado pelos indivíduos.

Assim, os achados desta pesquisa não apenas corroboram o referencial teórico adotado, mas evidenciam, de forma concreta, como a qualidade do ambiente construído influencia diretamente a experiência, o comportamento e o bem-estar dos usuários. Essa correspondência entre diagnóstico e demanda constitui a base empírica das diretrizes projetuais desenvolvidas na seção seguinte.

DIRETRIZES

A partir da aplicação dos instrumentos de coleta de dados junto aos usuários, foi possível identificar demandas específicas relacionadas a diferentes setores do campus. Os banners participativos revelaram que as principais insatisfações dos usuários concentram-se em torno do desconforto térmico, da ausência de mobiliário adequado, da falta de espaços de descanso e da sobrecarga emocional associada à permanência nos ambientes.

Ao mesmo tempo, manifestações de pertencimento, vínculos afetivos e sugestões espontâneas indicam que o campus possui potencial real de requalificação, os usuários não rejeitam o espaço, mas demandam condições mínimas para habitá-lo com qualidade. Dessa forma, complementando as diretrizes gerais e espaciais anteriormente estabelecidas, propõem-se diretrizes direcionadas a áreas estratégicas, considerando suas particularidades de uso, escala e apropriação.

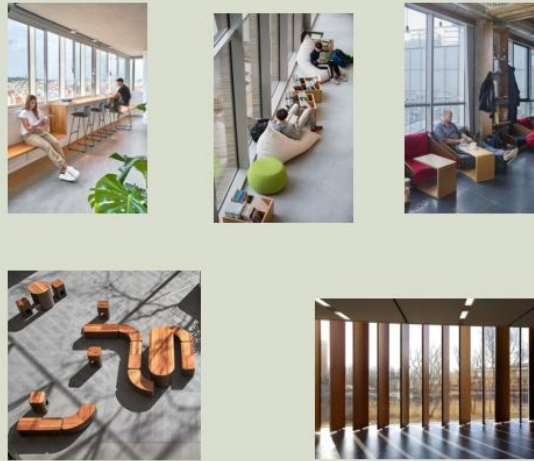


1. Bloco A

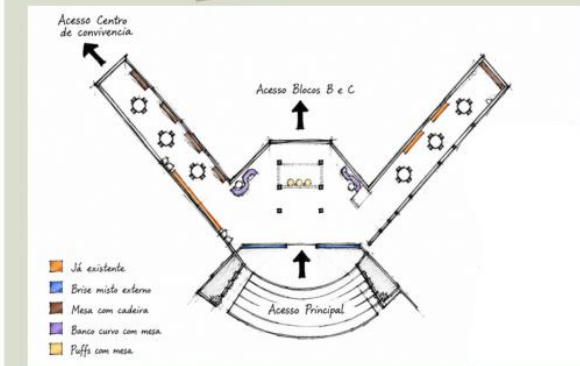
O Bloco A foi identificado como o ambiente de maior complexidade do campus, concentrando simultaneamente problemas físicos, emocionais e espaciais. Os usuários relataram calor excessivo, ruído, mau cheiro, falta de ventilação e ausência de mobiliário como os principais fatores de desconforto. Ao mesmo tempo, o bloco apresentou intensa apropriação cultural e simbólica, com referências, humor e expressões coletivas, evidenciando um espaço de forte identidade que merece intervenções à altura de seu uso.

- Qualificar os espaços de circulação e espera nos corredores, por meio da inserção de mobiliário adequado, bancos com encosto, superfícies de apoio e pequenos núcleos de estar, reduzindo o caráter exclusivamente transitório desses ambientes e estimulando a permanência qualificada entre as atividades acadêmicas.
- Melhorar as condições de conforto térmico nos corredores e halls, adotando estratégias passivas de controle solar nas fachadas mais expostas, como brises, cobogós, a fim de reduzir o ganho de calor e o desconforto identificado nos períodos de maior insolação.
- Atenuar o ruído nos ambientes de maior concentração de usuários, por meio da aplicação de materiais absorventes e da reorganização dos fluxos internos, respondendo à recorrente queixa de barulho excessivo como fator de estresse e dificuldade de concentração.
- Ativar espaços subutilizados, como o auditório e áreas de apoio nos pavimentos superiores, ampliando as possibilidades de uso coletivo e diversificando as atividades realizadas no bloco ao longo do dia, demanda expressa diretamente pelos usuários nos banners.
- Criar suportes formais para expressão cultural e acadêmica, como painéis expositivos, murais coletivos e vitrines de projetos, valorizando e institucionalizando a identidade simbólica já construída espontaneamente pelos usuários nesse ambiente.
- Humanizar os ambientes internos por meio da introdução de cores, texturas e materiais mais acolhedores, contrastando com a neutralidade formal predominante e respondendo à sensação de opressão e confinamento relatada pelos usuários.
- Reorganizar os fluxos de circulação vertical e horizontal, sinalizando percursos de forma clara e acolhedora, e garantindo que os acessos entre pavimentos sejam seguros, acessíveis e confortáveis para todos os perfis de usuários.

Inspirações



Processo



Análises

ESTADO ATUAL

- espaço de passagem e curta permanência;
- presença de poucos mobiliários;
- potencial para convivência;
- áreas utilizadas para descanso e reuniões informais;

Sarah Gabrielly

Bloco A como um espaço híbrido:

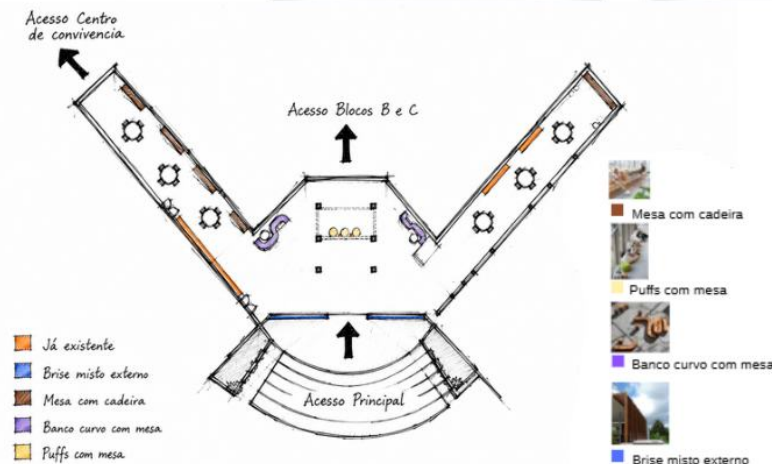
- administrativo
- acadêmico
- técnico
- circulação intensa
- permanência temporária

Sarah Gabrielly

Intervenções propostas

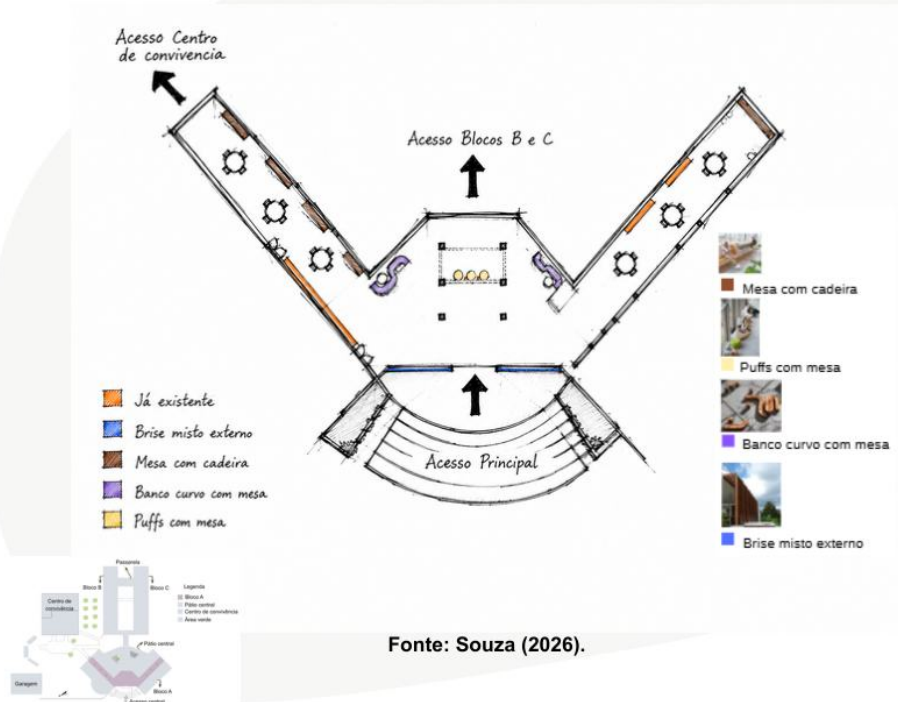
1. Bancos lineares de apoio discretos
2. Apoio para notebook
3. Nichos de espera
4. Tomadas e apoios tecnológicos
5. Pequenos espaços de leitura
6. Conforto térmico nos corredores

Sarah Gabrielly



CROQUI MANUAL

Figura 34 – Croqui manual da proposta para o Centro de Convivência.



ESTUDO INTERMEDIÁRIO

Figura 35 – Estudo intermediário I (Prompt P01)

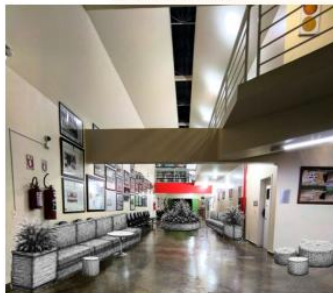


Figura 36 – Estudo intermediário II (Prompt P02)



Figura 37 – Estudo intermediário III (Prompt P02).



VISUALIZAÇÃO FINAL

Figura 38 – Visualização final I, II e III (Prompt P03)



2. Pátio Central

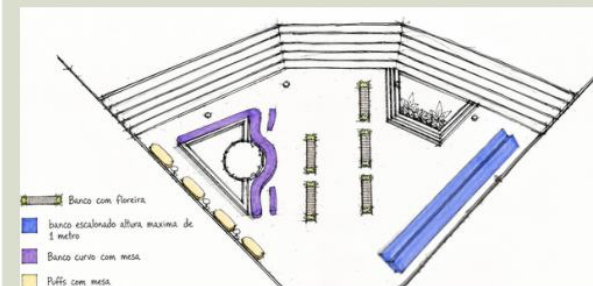
O Pátio Central foi percebido pelos usuários como um espaço de grande potencial coletivo, mas marcado por sensações de opressão, ansiedade e subutilização. A ausência de cobertura, mobiliário e sombreamento transforma o ambiente em espaço predominantemente de passagem, limitando sua função como lugar de encontro e convivência. Os próprios usuários expressaram o desejo de socializar e permanecer no local, indicando que intervenções pontuais seriam suficientes para ativar esse potencial.

- Promover a ocupação do pátio central por meio da inserção de mobiliário de grande escala, como mesas coletivas e núcleos de convivência, a fim de reduzir a sensação de vazio espacial e estimular a permanência qualificada.
- Estruturar zonas de uso distintas, organizando áreas destinadas a jogos, interações sociais e manifestações culturais, garantindo a coexistência entre permanência e circulação e respondendo à demanda por diversificação de atividades coletivas.
- Criar estruturas de sombreamento — pérgolas, coberturas tensionadas ou arborização densa — que gerem zonas protegidas do sol, reduzindo o desconforto térmico apontado como principal barreira à permanência no espaço.
- Atenuar o desconforto acústico por meio da aplicação de elementos absorventes, como painéis, mobiliário e vegetação, reduzindo o ruído excessivo e o efeito de eco identificados nas observações de campo.
- Equilibrar circulação e permanência, garantindo que o espaço mantenha sua função de passagem sem comprometer o conforto para estadia prolongada, por meio de uma organização espacial que separe fluxos de áreas de estar.
- Ativar o palco existente como suporte para atividades culturais regulares, ampliando o uso coletivo e simbólico do pátio e fortalecendo o sentimento de pertencimento da comunidade acadêmica.

Inspirassões



Processo



Análises

PÁTIO ATUAL

Características observadas

- espaço predominantemente de passagem
- ausência de mobiliário
- pouca permanência
- calor excessivo
- sensação de vazio espacial
- desconforto acústico
- subutilização do palco existente

Sarah Gabrielly

Pode ser explorado:

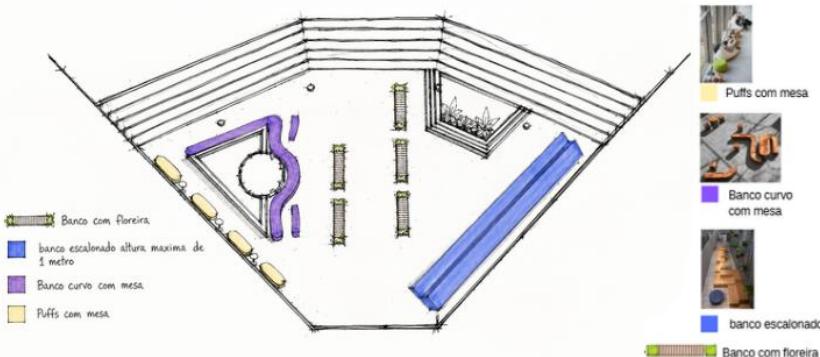
- convivência
- permanência
- encontro
- cultura
- acolhimento

Sarah Gabrielly

PÁTIO INTERVENÇÃO

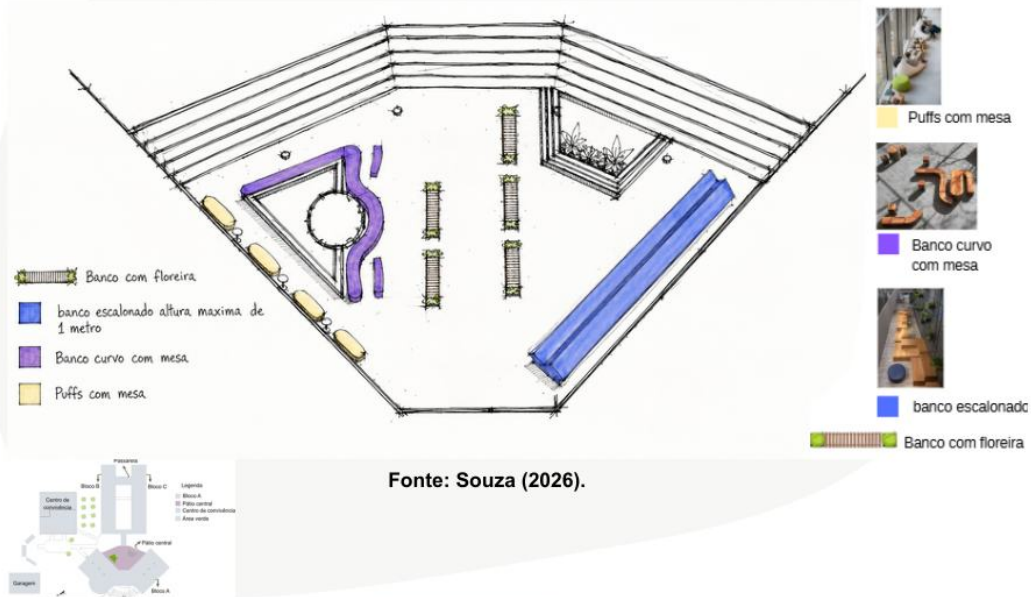
1. Núcleos de convivência
 - mesas coletivas
 - bancos modulares
 - áreas de estar
2. Organização dos fluxos
 - circulação principal livre
 - áreas de permanência organizadas lateralmente
3. Ativação cultural do palco
 - apresentações
 - exposições
 - eventos acadêmicos
4. Humanização do espaço
 - vegetação
 - mobiliário
 - conforto acústico
 - ambiência acolhedor

Sarah Gabrielly



CROQUI MANUAL

Figura 39 – Croqui manual da proposta para o Pátio Central.



Fonte: Souza (2026).

ESTUDO INTERMEDIARIO

Figura 40 – Estudo intermediário (Prompt P03)



Fonte: Souza (2026).

VISUALIZAÇÃO FINAL

Figura 41 – Visualização final (Prompt P06)



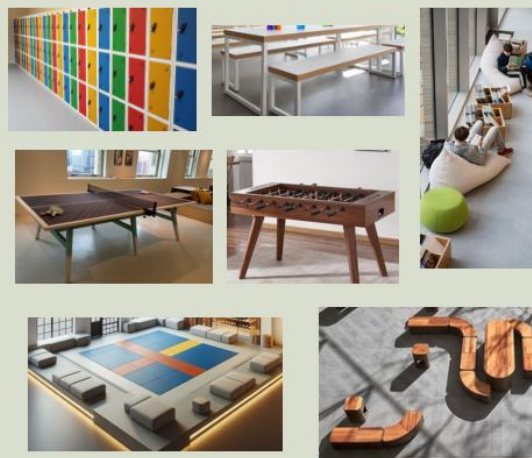
Fonte: Souza (2026).

3. Centro de Convivência

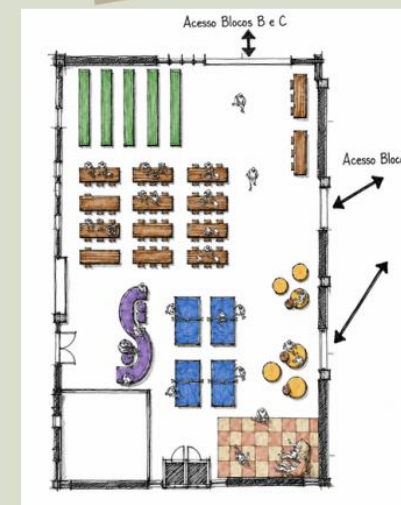
O Centro de Convivência é o ambiente de maior uso espontâneo do campus, especialmente no período noturno, mas também aquele que concentra maior ambiguidade emocional: sentimentos de felicidade e pertencimento coexistem com relatos de estresse, cansaço, calor e ansiedade. Os usuários expressaram de forma recorrente a necessidade de mais conforto, descanso, ventilação e infraestrutura de apoio, revelando um espaço que é muito utilizado justamente por ser o único que oferece alguma estrutura — mas que ainda está aquém das necessidades reais de quem o ocupa.

- Transformar espaços de circulação em áreas de permanência qualificada, por meio da criação de nichos de descanso com mobiliário confortável — pufes, bancos, sofás e redes —, respondendo à demanda recorrente por espaços de repouso físico e mental entre os períodos de aula.
- Garantir conforto térmico nos ambientes internos, adotando estratégias passivas como ventilação natural cruzada, instalação de ventiladores de teto silenciosos e uso de materiais que reduzam a retenção de calor, aliviando o abafamento relatado como principal fator de desconforto no espaço.
- Ampliar a entrada de luz natural, com intervenções nas coberturas ou paredes laterais, reduzindo a dependência da iluminação artificial e qualificando a ambiência do ambiente ao longo do dia.
- Implantar infraestrutura de apoio ao usuário, com a instalação de pontos de energia para carregamento de dispositivos eletrônicos em locais estratégicos, atendendo à demanda amplamente expressa nos banners por conectividade e suporte tecnológico.
- Humanizar os espaços internos, reduzindo a sensação de confinamento por meio do uso de cores, texturas e elementos visuais acolhedores, respondendo à percepção de neutralidade e impessoalidade do ambiente.
- Incorporar espaços de descompressão, atendendo às demandas por descanso físico e mental entre os períodos de aula, reconhecendo o cansaço e a sobrecarga emocional como condições reais vivenciadas pelos usuários no cotidiano do campus.
- Qualificar a acústica do ambiente, reduzindo o ruído excessivo identificado como fator de estresse e dificuldade de permanência, especialmente nos momentos de maior concentração de usuários.

Inspirassões



Processo



Análises

Características observadas

- espaço de maior uso espontâneo do campus;
- forte permanência estudantil;
- uso intenso no período noturno;
- circulação misturada com descanso;
- insuficiência de infraestrutura de apoio;
- sensação de abafamento e calor;
- excesso de ruído;
- iluminação artificial predominante;
- poucos espaços de repouso qualificados.

Sarah Gabrielly

Problemas principais

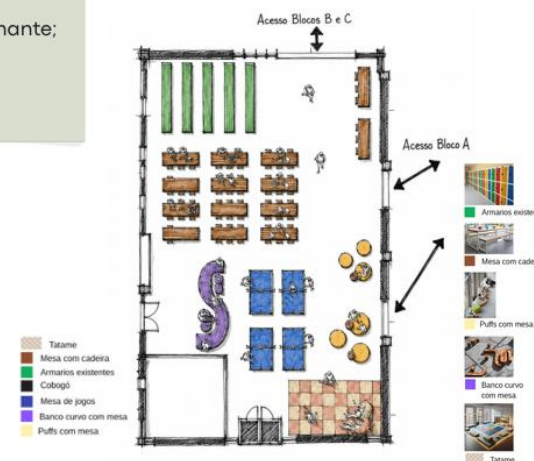
- calor excessivo
- ruído intenso
- sensação de confinamento
- ausência de áreas de descanso
- falta de infraestrutura
- circulação desorganizada

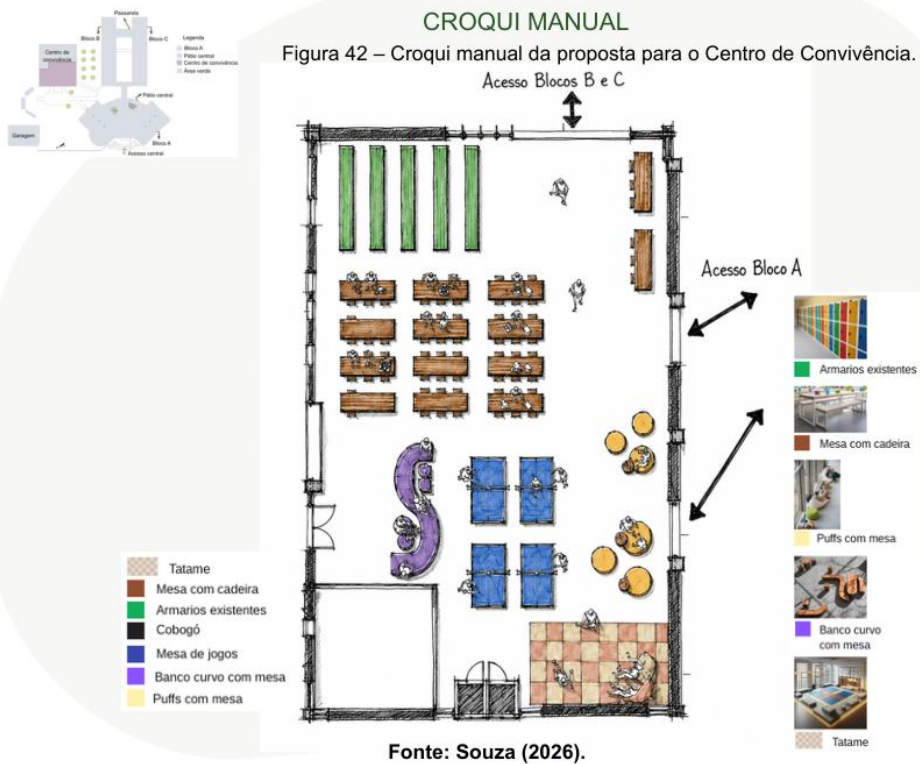
Sarah Gabrielly

Intervenções propostas

- Conforto acústico
 - painéis acústicos;
 - vegetação;
 - mobiliário absorvente;
 - divisórias leves.
- Infraestrutura tecnológica
 - tomadas;
 - áreas de carregamento;
 - mesas de apoio.
- Conforto térmico
 - ventilação cruzada
 - ventiladores de teto
 - materiais menos quentes
 - aberturas laterais

Sarah Gabrielly





ESTUDO INTERMEDIÁRIO

Figura 43 – Estudo intermediário (Prompt P03)



VISUALIZAÇÃO FINAL

Figura 44 – Visualização final (Prompt P08)



4. Áreas Verdes

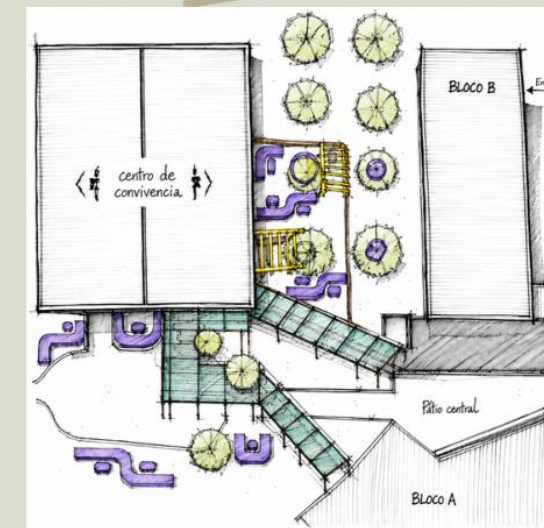
As áreas verdes foram identificadas como os ambientes de menor carga emocional negativa do campus, sendo percebidas pelos usuários como espaços com potencial significativo para lazer, convivência e estudos ao ar livre. No entanto, a falta de infraestrutura básica — mobiliário, sombreamento adequado e iluminação noturna — mantém esses espaços subutilizados, impedindo que seu potencial se concretize plenamente. Os usuários sugeriram espontaneamente a criação de áreas para jogos, mesas de estudo e redes de descanso, evidenciando uma demanda clara e aplicável.

- Ampliar as condições de uso dos espaços externos por meio da implantação de estruturas de sombreamento, como coberturas leves e ombrelones, garantindo proteção contra sol e chuva e tornando o ambiente utilizável ao longo de todo o dia.
- Incentivar a permanência ao ar livre com a inserção de mobiliário integrado ao paisagismo — bancos, mesas de estudo, redes e áreas de convivência —, respondendo diretamente às sugestões expressas pelos usuários nos banners.
- Criar espaços destinados ao lazer ativo, como mesas de ping-pong e jogos coletivos, atendendo à demanda por recreação e desconpressão identificada como necessidade recorrente entre os estudantes.
- Promover a integração entre usuários e ambiente natural, valorizando o contato com as áreas verdes como elemento de bem-estar, qualidade espacial e redução do estresse — benefício reconhecido pelos próprios usuários em suas respostas.
- Garantir segurança e conforto no uso noturno por meio da implantação de iluminação adequada, com foco em luzes acolhedoras ao longo dos percursos, ampliando a disponibilidade do espaço para além do período diurno.
- Melhorar a conectividade entre os blocos com a criação de percursos protegidos e confortáveis, eliminando desníveis entre calçadas e gramados e facilitando o deslocamento de todos os perfis de usuários.

Inspirações



Processo



Análises

ESTADO ATUAL

- espaços com maior sensação de bem-estar do campus
- presença de vegetação e contato com o ambiente natural
- potencial para convivência e permanência
- áreas utilizadas para descanso informal
- baixa carga emocional negativa

Sarah Gabrielly

Problemas identificados

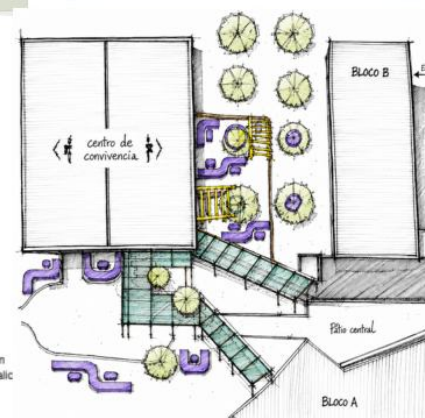
- ausência de mobiliário
- falta de cobertura e sombra adequada
- pouca infraestrutura de apoio
- iluminação insuficiente no período noturno
- percursos desconfortáveis
- subutilização do espaço

Sarah Gabrielly

Intervenções propostas

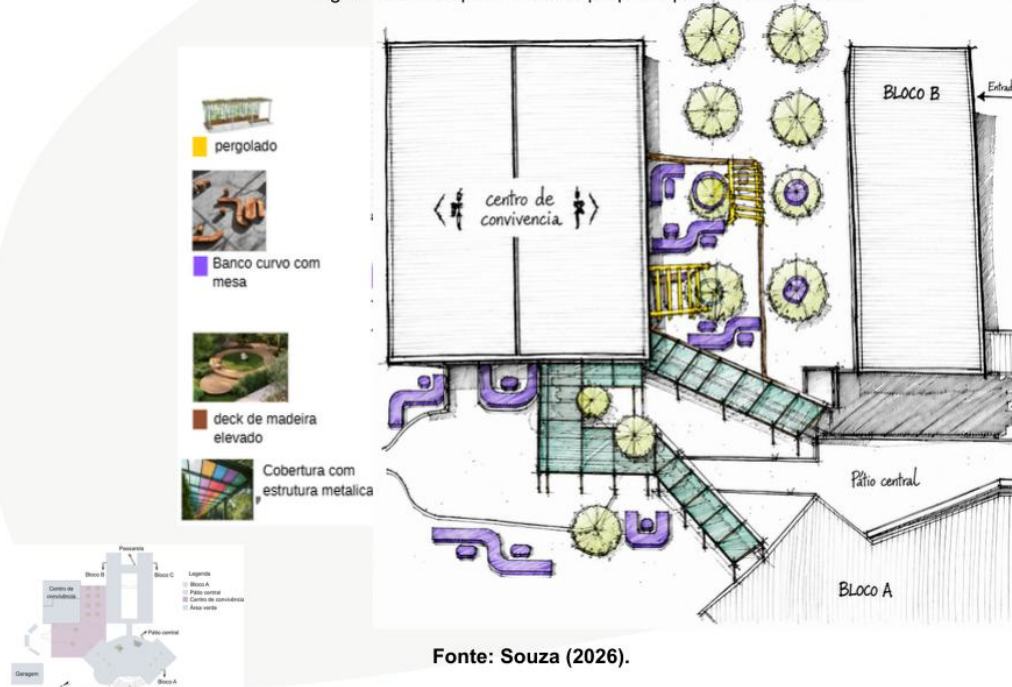
1. Estruturas de sombreamento.
 - pérgolas leves
 - coberturas
 - arborização complementar
2. Percursos protegidos
 - caminhos cobertos
 - integração entre blocos
3. Iluminação noturna
 - iluminação baixa e acolhedora
 - balizadores
 - postes com luz
4. Mobiliário integrado ao paisagismo
 - bancos
 - mesas de estudo

Sarah Gabrielly



CROQUI MANUAL

Figura 45 – Croqui manual da proposta para a Áreas Verdes.



Fonte: Souza (2026).

ESTUDO INTERMEDIÁRIO

Figura 46 – Estudo intermediário I (Prompt P03)



Fonte: Souza (2026).

Figura 47 – Estudo intermediário II (Prompt P03)



Fonte: Souza (2026).

VISUALIZAÇÃO FINAL

Figura 48 – Visualização final I (Prompt P05)



Fonte: Souza (2026).

Figura 49 – Visualização final II (Prompt P05)



Fonte: Souza (2026).

8. CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, ficou evidente que compreender um espaço vai muito além de analisar sua configuração física. As manifestações registradas nos banners revelaram que os usuários estabelecem relações complexas com os ambientes que frequentam diariamente, entrelaçando aspectos físicos, emocionais, sociais e funcionais às suas experiências no campus. A expressiva participação e a pertinência das observações coletadas demonstraram o genuíno interesse da comunidade acadêmica em contribuir para a melhoria dos espaços que ocupa.

Entre os aspectos que mais se destacaram durante a análise estava a recorrência de certos temas, sobretudo os relacionados ao conforto térmico, à necessidade de descanso e às condições de permanência. Também chamou atenção a forma como sentimentos semelhantes apareciam repetidamente, ainda que expressos de maneiras distintas, revelando demandas amplamente compartilhadas. Nesse cenário, o Pátio Central sobressai como o espaço com contribuições mais consistentes, marcadas por observações diretamente ligadas às características do ambiente.



[illegible]

Festa Amicabon Estival + Recorrido
Poucas vistas ao mar
SONO THE
causa da:
minha festa em
Braga! amor
aurora
que festa + melo
não
festa
amigos
e amigos
em finda
causa da:
minha festa em
Braga! amor
aurora

[illegible][illegible]

Por fim, a principal contribuição deste trabalho está em demonstrar que ouvir quem vivencia os espaços cotidianamente pode revelar necessidades muitas vezes invisíveis aos processos tradicionais de análise. As manifestações coletadas mostraram que, em grande parte dos casos, as demandas identificadas não exigem grandes transformações estruturais, mas intervenções pontuais capazes de tornar os ambientes mais acolhedores e adequados às formas de uso já existentes. Mais do que propor soluções físicas, esta pesquisa buscou evidenciar a importância da escuta, da observação e da compreensão das experiências cotidianas como ferramentas essenciais para a qualificação dos espaços educacionais.

Ao final deste percurso, reforça-se a ideia de que ambientes acadêmicos de qualidade não se definem apenas pela infraestrutura, mas pela capacidade de oferecer condições reais para convivência, descanso, permanência e bem-estar. Espaços mais humanos e acolhedores, como esta pesquisa procurou demonstrar, se constroem a partir da escuta atenta daqueles que os habitam.

Por fim, a principal contribuição deste trabalho está em demonstrar que ouvir quem vivencia os espaços cotidianamente pode revelar necessidades muitas vezes invisíveis aos processos tradicionais de análise. As manifestações coletadas mostraram que, em grande parte dos casos, as demandas identificadas não exigem grandes transformações estruturais, mas intervenções pontuais capazes de tornar os ambientes mais acolhedores e adequados às formas de uso já existentes. Mais do que propor soluções físicas, esta pesquisa buscou evidenciar a importância da escuta, da observação e da compreensão das experiências cotidianas como ferramentas essenciais para a qualificação dos espaços educacionais.

Ao final deste percurso, reforça-se a ideia de que ambientes acadêmicos de qualidade não se definem apenas pela infraestrutura, mas pela capacidade de oferecer condições reais para convivência, descanso, permanência e bem-estar. Espaços mais humanos e acolhedores, como esta pesquisa procurou demonstrar, se constroem a partir da escuta atenta daqueles que os habitam.

9. REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 20 jul. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em: 16 maio 2026.

FRACALOSS, Igor. Clássicos da Arquitetura: SESC Pompeia / Lina Bo Bardi. ArchDaily Brasil, 5 nov. 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi>. Acesso em: 10 nov. 2025.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. [S. l.]: [s. n.], [2017?]. Disponível em: <https://filosofiaepatrimonio.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/03/martin-heidegger-construir-habitar-pensar.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2025.

HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 443-461.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

RASMUSSEN, Steen Eiler. Arquitetura vivenciada. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. O conceito de lugar. Arquitectos, São Paulo, ano 8, n. 087.10, ago. 2007. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/08.087/225>. Acesso em: 16 maio 2026.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNWIN, Simon. A análise da arquitetura. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

VERGARA, Lizandra Garcia Lupi; TIEPPO, Ticiania Toniolo. Ambientes restauradores: a contribuição do ambiente construído no desempenho acadêmico e social dos estudantes do Ensino Médio. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 148-159, 2026. DOI: 10.21680/2448-296X.2026v11n2ID39025. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/39025>. Acesso em: 20 maio 2026.

ZUMTHOR, Peter. Atmosferas: ambientes arquitetônicos: as coisas à minha volta. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.



10.

ANEXOS

Os materiais reunidos a seguir complementam o processo de pesquisa e o desenvolvimento das propostas projetuais. Estão incluídos os prompts utilizados na geração das imagens de estudo e os registros dos banners participativos aplicados durante a coleta de dados com os usuários do campus.

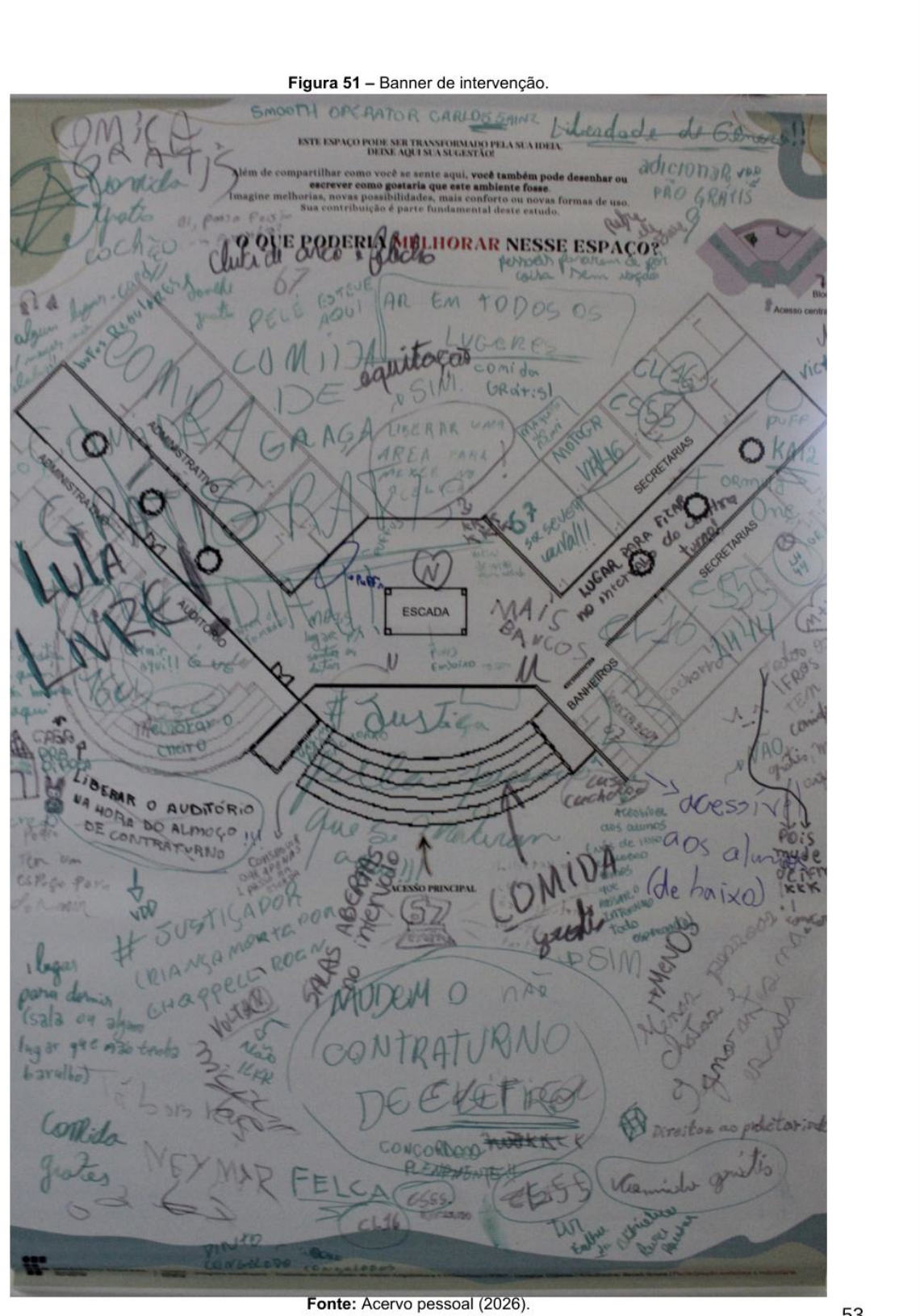
A inclusão desses materiais busca tornar o percurso metodológico mais transparente, tanto na origem das informações coletadas quanto nos procedimentos de produção gráfica. Os banners participativos trazem as percepções, sentimentos, críticas e sugestões dos usuários sobre os espaços analisados, alimentando diretamente o diagnóstico elaborado. Já os prompts registram o processo de construção das imagens projetuais, documentando os comandos textuais que traduziram diretrizes, croquis e fotografias em representações visuais.

Juntos, esses apêndices reforçam a conexão entre pesquisa, escuta dos usuários, leitura do espaço e desenvolvimento das intervenções propostas.

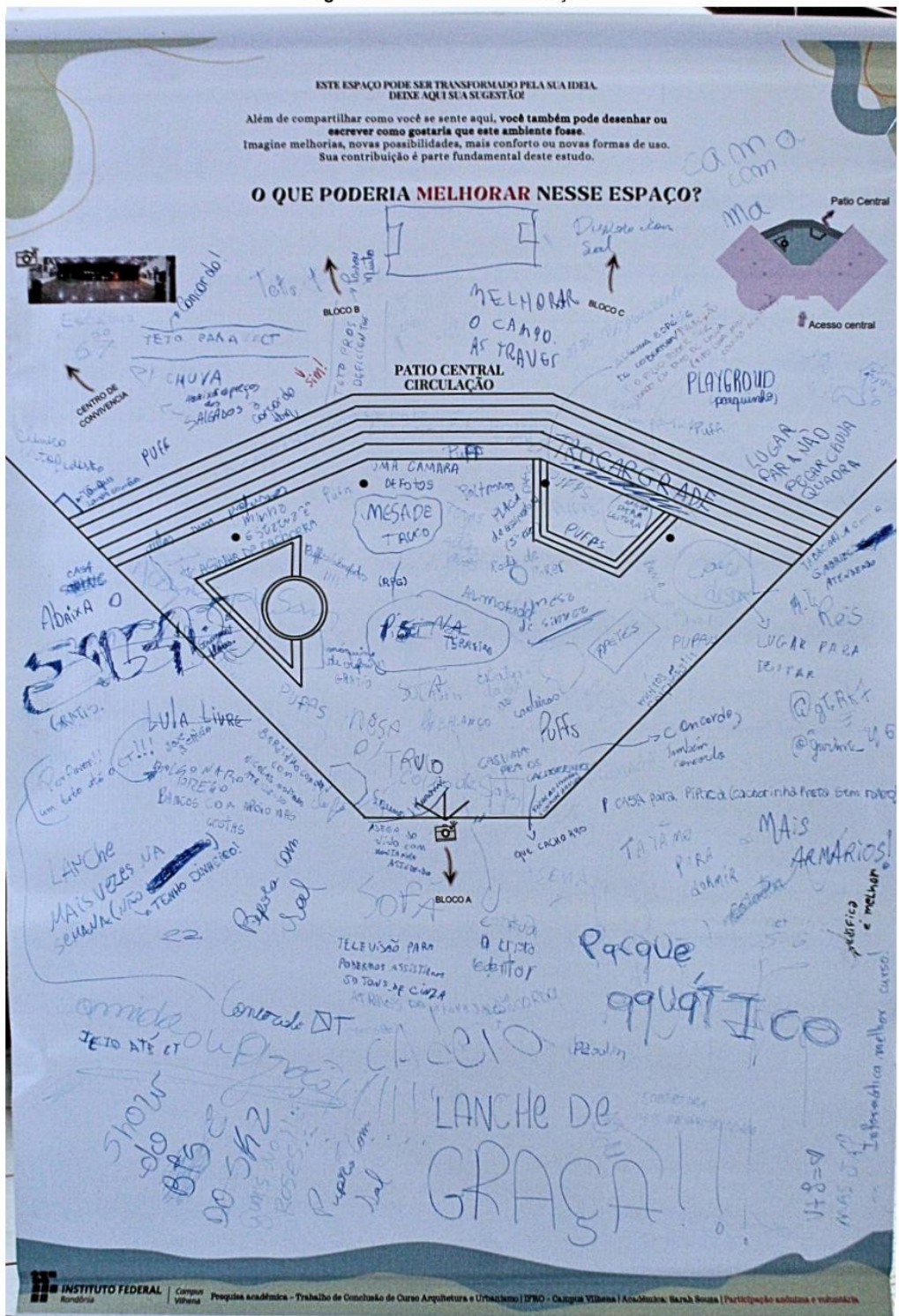
Tabela 10 — Prompt de geração de imagem.

Nº	Tipo de imagem	Prompt de geração de imagem
P01	Intervenção arquitetônica sobre fotografia existente	Criar uma architectural intervention sobre a fotografia original do espaço, preservando integralmente o ambiente existente. Manter sem alterações o edifício, vegetação, caminhos, bancos, estrutura, perspectiva, proporções e configuração espacial. Inserir apenas os elementos projetuais propostos como uma conceptual architectural layer: urban furniture, áreas de estar, collective tables, light shading structures, pergolas, decks e áreas de permanência. Utilizar linguagem de mixed-media architectural visualization, combinando realistic photo background com subtle hand-drawn overlay, clean linework, soft hatching, human scale e apresentação acadêmica.
P02	Croqui técnico sobre foto	Transformar a fotografia original em um architectural sketch overlay, mantendo a imagem totalmente reconhecível e sem alterações no ambiente existente. Preservar edifícios, árvores, circulação, piso, desníveis, escadas, fachadas e estruturas construídas. Adicionar somente as intervenções propostas utilizando linguagem de architectural sketch: fine ink lines, transparent fills, light shadows, hachures, contornos de mobiliário, pergolados, bancos e áreas de estudo. O resultado deve parecer um conceptual design sketch over a real site photo, adequado para um TCC de Arquitetura e Urbanismo.
P03	Estudo intermediário entre croqui e render	Produzir uma imagem de intermediate architectural visualization entre o croqui manual e o render final, utilizando a fotografia original como base. Manter exatamente a arquitetura existente, paisagismo, circulação, vegetação e perspectiva da imagem. Inserir as intervenções com geometria mais definida, materiais mais legíveis e organização espacial clara, mas ainda com linguagem conceitual acadêmica. Utilizar hybrid rendering, soft shadows, architectural linework, leve indicação de materialidade, human scale, urban furniture, decks, pergolas, collective tables e áreas de permanência.
P04	Visualização final renderizada	Criar final architectural visualization da proposta sobre a fotografia original do campus, preserving existing buildings, vegetation, pathways and spatial proportions. Inserir apenas os elementos propostos: wooden decks, integrated benches, collective tables, pergolas, shading structures e permanence Área s. Use realistic materials, natural daylight, soft shadows, human scale e atmosfera acolhedora de campus acadêmico.
P05	Área verde entre blocos	Desenvolver uma architectural intervention para a área verde entre o Centro de Convivência e o Bloco B, utilizando a fotografia original como base fixa. Preservar integralmente árvores, vegetação existente, edifícios, caminhos, calçadas, bancos e circulação. Inserir uma intervenção leve e reversível composta por wooden decks, elevated platforms, bancos integrados, collective study tables, light pergolas, áreas sombreadas de estar, hammocks ou espaços de descanso e elementos paisagísticos com vegetação baixa. Utilizar abordagem de site-specific design, estratégias bioclimatic, human scale, ambiente externo de estudo e convivência, soft natural lighting, architectural visualization e apresentação acadêmica.
P06	Pátio central	Criar uma architectural intervention para o pátio central do campus, utilizando a fotografia original como base. Manter inalterados os edifícios existentes, fachadas, circulação, escadas, pavimentação, vegetação e proporções espaciais. Inserir somente os elementos projetuais propostos: large collective tables, áreas de convivência, bancos com floreiras, light shading structures, áreas de jogos, espaços flexíveis de uso coletivo e setores de permanência. A proposta deve melhorar thermal comfort, sociabilidade e apropriação espacial sem sobrecarregar o pátio. Utilizar clean architectural visualization, subtle sketch overlay, human scale, soft shadows e linguagem acadêmica de projeto.
P07	Bloco A — corredores e áreas de espera	Desenvolver uma architectural intervention para os corredores e áreas de espera do Bloco A, utilizando a fotografia original como base fixa. Preservar a arquitetura existente, paredes, aberturas, piso, teto, circulação, estrutura, perspectiva e elementos de fachada. Inserir apenas intervenções pontuais e leves: bancos com encosto, superfícies de apoio para notebook, pequenos nichos de espera, pontos de estudo, cobogó screens, elementos de sombreamento passivo, estratégias bioclimatic, soluções de conforto acústico e melhorias sutis de iluminação. Utilizar linguagem de architectural sketch-render style, clean linework, paleta de materiais neutra, human scale e apresentação acadêmica.
P08	Centro de Convivência	Criar uma architectural intervention para o Centro de Convivência utilizando a fotografia original como base preservada. Não alterar o edifício existente, estrutura, piso, cobertura, aberturas, circulação ou perspectiva da imagem. Inserir apenas elementos projetuais que favoreçam permanência, conforto e interação social: collective tables, mesas de estudo, bancos confortáveis, sofás ou lounge seating, nichos de descanso, elementos leves de sombreamento, estratégias de ventilação, vegetação baixa e mobiliário flexível. Utilizar hybrid architectural visualization style, combinando realistic photo base, elementos projetuais limpos, soft shadows, atmosfera acolhedora, human scale e apresentação de TCC.

Fonte: Do Autor (SOUZA, 2026)

[illegible]

Fonte: Acervo pessoal (2026).



ESTE ESPAÇO PODE SER TRANSFORMADO PELA SUA IDEIA.
DEIXE AQUI SUA SUGESTÃO.

Além de compartilhar como você se sente aqui, você também pode desenhar ou escrever como gostaria que este ambiente fosse.
Imagine melhorias, novas possibilidades, mais conforto ou novas formas de uso.
Sua contribuição é parte fundamental deste estudo.

O QUE VOCÊ MUDARIA NESSE ESPAÇO?

Muito Ruído

Mais opções de lazer

Adicionar mesas de ping-pong

Um espaço climatizado

Mesas de alimentação com um acidente

Banhira (1 ponto)

Pouca iluminação

CENTRO DE CONVIVÊNCIA

COBERTURAS

BLOCO B

COBERTURAS

COBERTURAS

ÁREAS VERDES ENTRE OS BLOCOS

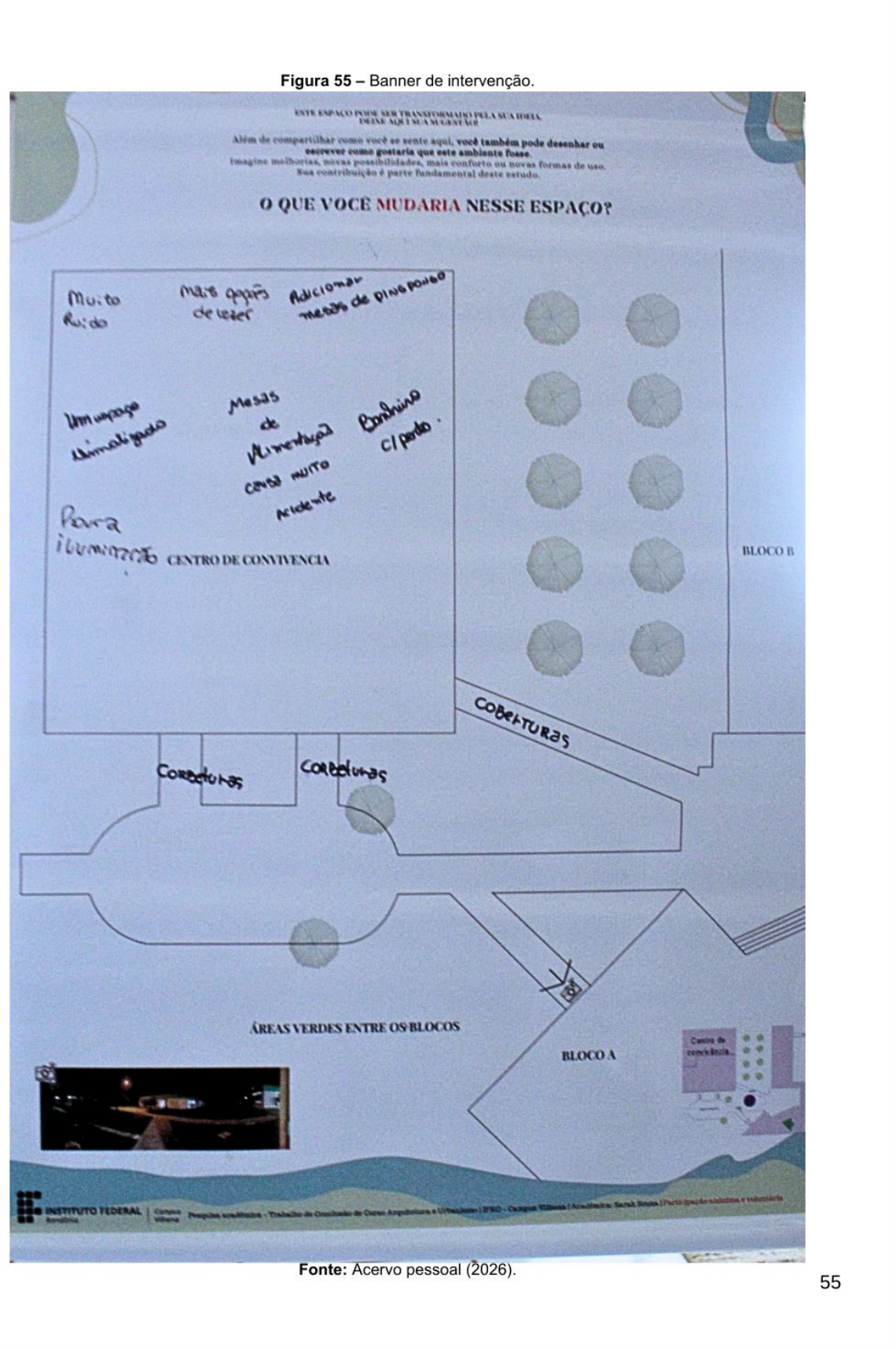
BLOCO A

Centro de convivência

INSTITUTO FEDERAL
Rio de Janeiro

Campus
Vila Rica

Propostas recebidas - Trabalho de Conclusão de Curso: Arquitetura e Urbanismo (2020) - Caderno Vilanova (Arquitetura) - Sarah Sousa (Participação cidadã e voluntária)



ESTE ESPAÇO PODE SER TRANSFORMADO PELA SUA IDEIA.
DEIXE AQUI SUA SUGESTÃO.

Além de compartilhar como você se sente aqui, você também pode desenhar ou escrever como gostaria que este ambiente fosse.
Imagine melhorias, novas possibilidades, mais conforto ou novas formas de uso.
Sua contribuição é parte fundamental deste estudo.

O QUE VOCÊ MUDARIA NESSE ESPAÇO?

Muito Ruído
Mais opções de lazer
Adicionar mesas de ping-pong
Um espaço climatizado
Mesas de alimentação com um ambiente agradável
Banhado / ponto
Pouca iluminação
CENTRO DE CONVIVÊNCIA
COBERTURAS
BLOCO B
BLOCO A
ÁREAS VERDES ENTRE OS BLOCOS
Centro de convivência

INSTITUTO FEDERAL
Campus Vitória
Projetos acadêmicos - Trabalho de Conclusão de Curso: Arquitetura e Urbanismo (2020) - Caduêza Wilton / Ana Carolina / Sarah Sousa / Participação cidadã e voluntária

[illegible][illegible]

